

CAMPO

ISSN 2178-5781

Ano XXV | 372 | Agosto 2026

Citros em alta

Goiás amplia a produção de laranja e mexerica, impulsionado por novas oportunidades, mas enfrenta desafios no campo e no mercado

Prevenção

Orientação técnica e medidas simples nas propriedades rurais podem evitar incêndios e reduzir prejuízos durante a seca



FAEG
SENAR
IFAG
SINDICATO RURAL

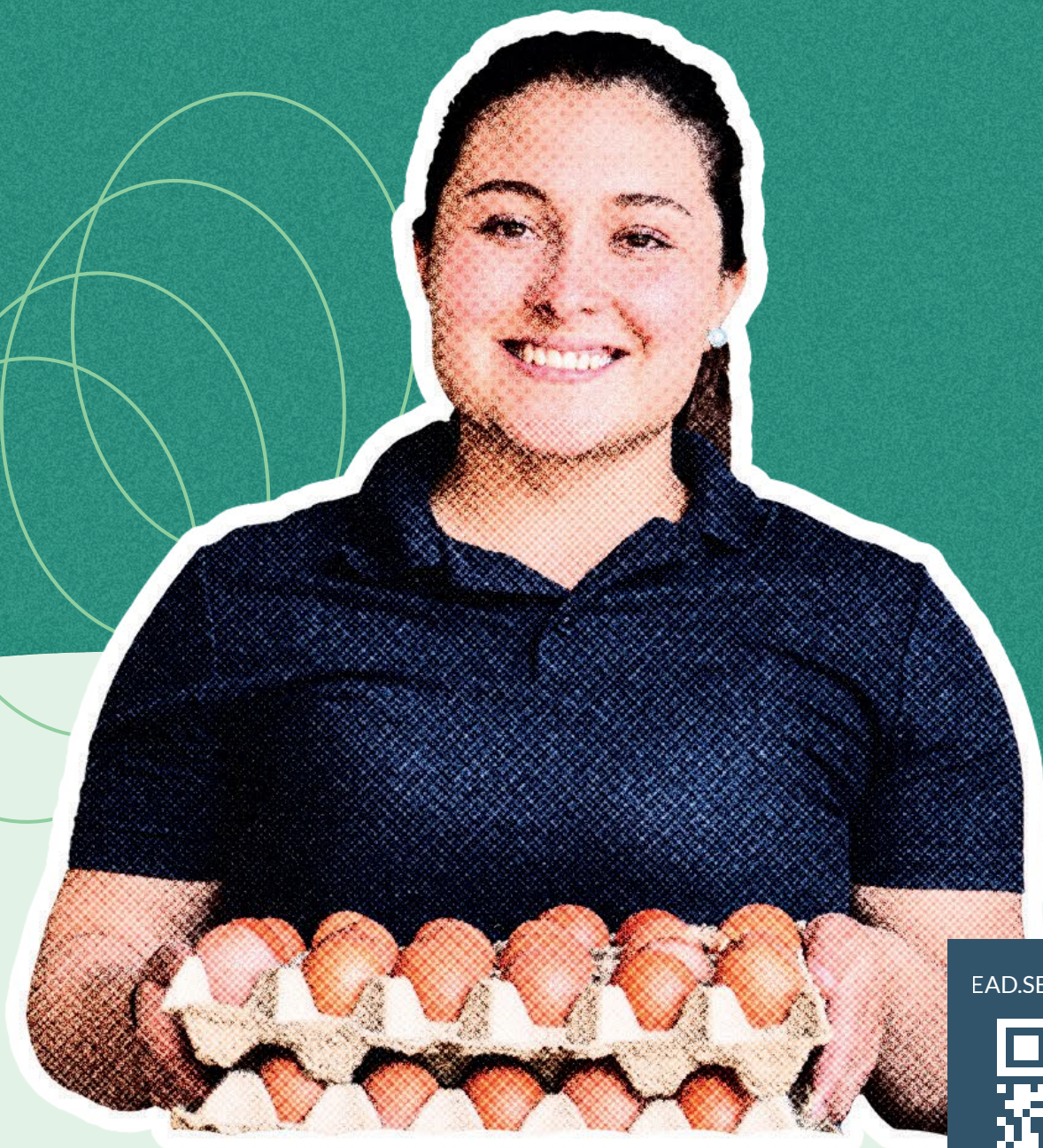
Prosa Rural

Agrometeorologista aponta os principais riscos do El Niño e orienta produtores a planejar o manejo diante das mudanças climáticas

NOVO CURSO

Como Empreender no Campo

Do planejamento à formalização: aprenda o passo a passo para iniciar seu negócio rural.



EAD.SENARGO.ORG.BR



Palavra do Presidente

Preparar hoje para os desafios de amanhã

O agronegócio vive um período de transformações profundas. O produtor rural precisa lidar com mudanças no clima, ameaças sanitárias, oscilações de mercado, custos de produção, disponibilidade de mão de obra e exigências cada vez maiores de eficiência e sustentabilidade. Nesse cenário, informação, planejamento e conhecimento são ferramentas essenciais para a tomada de decisão.

A matéria de capa mostra como Goiás vem ocupando um espaço estratégico na citricultura brasileira. Impulsionado pelo avanço do greening (HLB) em importantes regiões produtoras de São Paulo e Minas Gerais, o Estado se consolida como nova fronteira para laranja, mexerica e limão. As condições favoráveis abrem oportunidades, mas também trazem desafios relacionados a custos, preços, comercialização, mão de obra e sanidade. O crescimento da atividade exige prevenção, monitoramento e assistência técnica.

Irrigação, manejo nutricional, controle fitossanitário e planejamento da produção revelam como práticas mais eficientes podem melhorar a qualidade e os resultados da propriedade. A assistência técnica contribui justamente para transformar conhecimento em decisões mais seguras.

Essa necessidade de planejamento também aparece no cenário climático da safra 2026/27. As projeções de um El Niño de forte intensidade exigem atenção redobrada. Mesmo com a possibilidade de chuvas antecipadas, veranicos, temperaturas elevadas e uma possível antecipação do fim da estação chuvosa podem afetar culturas como soja e milho, além da cana-de-açúcar e das pastagens. Por isso, acompanhar as tendências climáticas e ajustar o manejo ao longo da safra será fundamental.

A prevenção está igualmente no cen-

tro da reportagem sobre queimadas. A redução dos focos no início da seca não elimina os riscos, especialmente diante da possibilidade de um período seco mais prolongado. A construção e manutenção de aceiros, os cuidados com máquinas e equipamentos e a preparação para uma resposta rápida são medidas que podem evitar grandes prejuízos. A mobilização entre produtores, sindicatos rurais e órgãos públicos reforça que proteger as propriedades e o meio ambiente é uma responsabilidade compartilhada.

Mas preparar o campo para o futuro também significa investir nas pessoas. A reportagem sobre o curso de Cozinha Rural do Senar Goiás mostra como a qualificação pode preservar tradições, agregar valor aos produtos, gerar renda e fortalecer a autonomia das famílias.

São temas diferentes, mas conectados por uma mesma mensagem: o futuro do campo depende da capacidade de antecipar desafios e transformar conhecimento em ação. É com esse propósito que o Sistema Faeg/Senar/Ifag trabalha diariamente ao lado do produtor rural, levando assistência técnica, capacitação, informação, representação e defesa dos interesses do setor. O agro goiano tem demonstrado sua capacidade de crescer, inovar e superar adversidades. Nosso compromisso é contribuir para que essas oportunidades sejam aproveitadas com planejamento, segurança e sustentabilidade. Boa leitura!



José Mário Schreiner
Presidente do Sistema Faeg/Senar

CAMPO

A revista Campo é uma publicação da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR Goiás), produzida pela Gerência de Comunicação Integrada do Sistema FAEG com distribuição gratuita aos seus associados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

Conselho editorial: Eduardo Veras, Ailton José Vilela, Armando Leite Rollemberg Neto, Claudinei Rigonatto, Dirceu Borges.

Diretor Técnico: Leonnardo Furquim.

Diretora de Comunicação: Michelly Mancinelli.

Edição e revisão: Fernando Dantas e Renan Rigo.

Reportagem: Alexandra Lacerda, Fernando Dantas, Renan Rigo e Revana Oliveira.

Fotografia: André Costa.

Diagramação: Isabele Barbosa.

Foto da capa: André Costa.

Fotos do Paine Central: André Costa, Fredox Carvalho e divulgação.

Tiragem: 5.000 exemplares.

Comercial: (62) 3096-2124 | (62) 3096-2200.

DIRETORIA FAEG

Presidente: José Mário Schreiner.

Vice-presidentes: Enio Jaime Fernandes Júnior.

Vice-presidentes Institucionais: Ailton José Vilela e Henrique Marques de Almeida. José Vitor Caixeta Ramos (in memoriam).

Vice-presidentes Administrativos: Armando Leite Rollemberg Neto e Eliene Ferreira da Silva. Suplentes: Henrique Marques de Almeida, Evandro Vilela Barros, Arthur Traldi Chiari, Margareth Alves Irineu, Washington Luiz de Paulo, João Pedro Braollos, Marcelo Rodrigues Godinho.

Conselho Fiscal: Dulio César de Sousa, José Carlos de Oliveira, Marcos Antônio Alves Capanema, Rinaldo Tomazini Filho, Vinicius Correia de Oliveira.

Suplentes: Watson Arantes Gama, Fernando Guedes Pereira, Hedgar de Jean e Helen, Carlos Donisete Carneiro de Oliveira, Marcio Arlei Dierings.

Delegados Representantes: Walter Vieira de Rezende e José Renato Chiari.

Suplentes: Nilson Fogolin e José Fava Neto.

CONSELHO ADMINISTRATIVO SENAR

Presidente: José Mário Schreiner.

Superintendente: Dirceu Borges.

Titulares: Daniel Klüppel Carrara, Orlando Luiz da Silva, Osvaldo Moreira Guimarães e Maurício Sulino Pinto.

Suplentes: Geovandro Vieira Pereira, Eduardo Veras de Araújo, Eleandro Borges da Silva, Arthur Oscar Vaz de Almeida Filho e Dionísio Gomes Dias.

Conselho Fiscal: Wildson Cabral Santos, Marcus Vinicius Rodrigues Souza Lino e Sandra Pereira de Faria.

Suplentes: Rômulo Divino Gonzaga de Menezes, César Savini Neto e Dalila dos Santos Gonçalves.

Conselho Consultivo: Thomas David Taylor Peixoto, Nivaldo dos Santos, Pedro Leonardo de Paula Rezende, Roselene de Queiroz Chaves, Marcos Gomes da Cunha e Valéria Cavalcante da Silva Souza.

Suplentes: Antônio Carlos de Souza Lima Neto, Pedro Henrique Machado Paim, Elcio Perpétuo Guimarães, Cláudio Fernandes Cardoso e Francisco Alves Barbosa.

Sistema Faeg Senar

Rua 87 nº 708, Setor Sul. CEP: 74.093-300

Goiânia - Goiás

Contato Faeg: (62) 3096-2200 faeg@sistemafaeg.com.br

Contato Senar: (62) 3412-2700 senar@senar-go.com.br | comunicacao@senar-go.com.br

Para receber a Revista Campo envie o endereço da entrega com nome do destinatário para nosso e-mail.

Acesse:



sistemafaeg.com.br



@SistemaFaeg



sistemafaeg



senar/ar-go



sistemafaeg



SistemaFaeg



sistemafaeg



sistemafaeg.com.br/faeg/podcasts

Assistente Virtual

62 3096 2200



Prevenção

22

Com menos focos de queimadas neste início de seca, Goiás mantém alerta para o avanço da estiagem e orienta produtores sobre medidas para evitar que o fogo se espalhe nas propriedades rurais



Qualificação

26

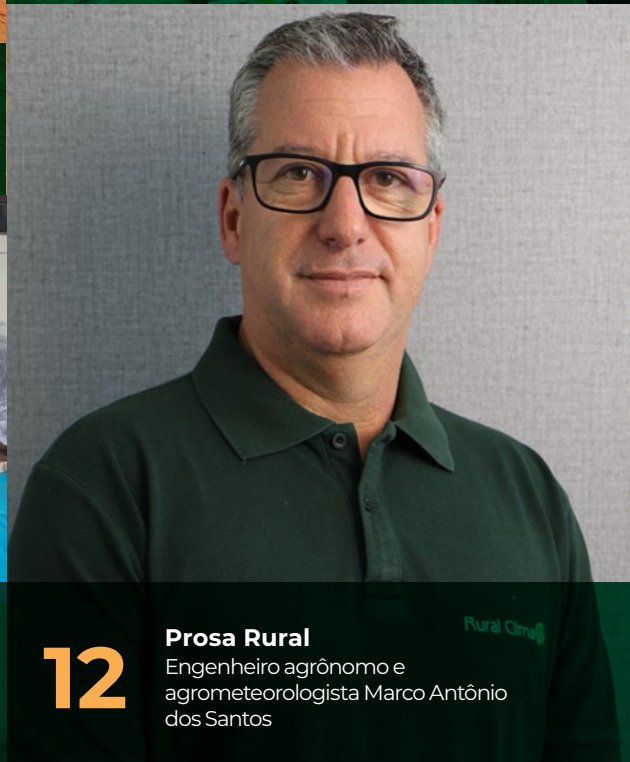
Curso de Cozinha Rural do Senar Goiás une tradição e capacitação para transformar receitas de família em oportunidades de renda, empreendedorismo e bem-estar no campo



Caso de Sucesso

16

Casal de Orizona transforma a produção artesanal em negócio profissionalizado, amplia a comercialização e agrega valor aos produtos



Prosa Rural

12

Engenheiro agrônomo e agrometeorologista Marco Antônio dos Santos

06

Porteira Aberta

30

Faeg Jovem

08

Sistema em Ação

33

Mitos e Verdades

10

Ação Sindical

34

Info Senar

11

Opinião

37

Receitas do Campo

28

Conecta Campo

38

Dica de Vó



32

Senar Responde

Técnica de campo do Senar Goiás orienta sobre como produzir amoras doces

Capa



Goiás avança como nova fronteira da citricultura brasileira, impulsionado pelo avanço do greening em tradicionais regiões produtoras e pelas condições favoráveis ao cultivo. Mas, por trás do crescimento da produção, produtores enfrentam desafios como preços baixos, custos elevados, clima, sanidade e falta de mão de obra. A reportagem mostra como o planejamento, a irrigação e a assistência técnica ajudam a transformar o manejo dos pomares, enquanto o setor busca caminhos para consolidar a atividade no Estado e enfrentar uma de suas maiores ameaças: o greening.

18

Gasto Brasil



A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e a Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil (CACB) lançaram, no começo de agosto, o “Painel Gasto Brasil” no Congresso Nacional. O evento reuniu parlamentares, representantes do setor produtivo, lideranças empresariais, dirigentes de Federações e Associações Comerciais, autoridades e integrantes do Sistema CNA/Senar. Com dados fornecidos em tempo real, o “Gasto Brasil” foi criado para dar mais transpa-

rência às contas públicas e mensurar a qualidade do desembolso dos três entes da Federação. O Painel organiza dados oficiais sobre a execução das despesas públicas em linguagem visual e acessível, sem estabelecer juízo de valor sobre programas, políticas públicas ou escolhas orçamentárias. Entre os recursos disponíveis está a área de mapas, que reúne informações municipais, como população, gasto total estimado no ano e desembolso por habitante. A ferramenta também permite consultar recortes por esfera de governo e por grupos de despesa, contribuindo para uma leitura mais clara da composição do gasto público.

Acesse a plataforma



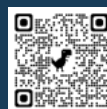
Cachaça



O Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) publicou o Anuário da Cachaça 2026, que reúne informações sobre a cadeia produtiva da bebida referentes ao ano de 2025. A publicação apresenta dados sobre estabelecimentos e produtos registrados no Ministério, produção, comercialização, exportações e geração de empregos, oferecendo um panorama do

setor. As informações podem subsidiar produtores, pesquisadores, instituições públicas e demais interessados. Segundo o anuário, o Brasil registrou, em 2025, 1.538 estabelecimentos elaboradores de cachaça. Os estabelecimentos estão distribuídos por 844 municípios brasileiros. Minas Gerais concentra 564 estabelecimentos, seguido por São Paulo (230) e Rio Grande do Sul (106). O anuário também reúne informações sobre produção, estoques, geração de empregos e comércio exterior. Em 2025, a produção declarada de cachaça foi de 234,4 milhões de litros, e a fabricação de aguardente de cana-de-açúcar registrou 6.232 empregos diretos. No comércio internacional, as exportações de cachaça somaram 7,95 milhões de litros, distribuídos para 76 destinos. Em valor, as exportações totalizaram US\$ 17,07 milhões.

Acesse a publicação



VBP



O levantamento mensal do Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) aponta que, em junho, o indicador foi estimado em R\$ 1,4 trilhão. Do total, R\$ 893,1 bilhões correspondem ao faturamento da lavoura, segmento

responsável por 64% do VBP. A pecuária representa R\$ 511,1 bilhões, equivalente a 36% do valor estimado. O VBP mede o faturamento da produção agropecuária dentro dos estabelecimentos rurais. Entre os produtos e atividades com maior participação no indicador, a soja apresenta valor estimado de R\$ 335,8 bilhões. Na sequência, estão bovinos (R\$ 249,5 bilhões), milho (R\$ 155,3 bilhões), cana-de-açúcar (R\$ 108,7 bilhões) e frangos (R\$ 107,3 bilhões). Em conjunto, esses itens correspondem a 68,3% do VBP nacional. A soja representa 23,9% do valor total estimado, enquanto a bovinocultura responde por aproximadamente 17,5% do indicador.

Ceasas

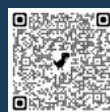
O setor hortigranjeiro movimentou 16,6 milhões de toneladas no ano de 2025, com R\$ 68,7 bilhões comercializados. Os dados foram divulgados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em julho, e fazem parte das ações do Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro (Prohort). A pesquisa avaliou o valor transacionado por 54 Centrais de Abastecimento (Ceasas) por subgrupos de hortaliças e de frutas, com o objetivo de verificar o comportamento de cada segmento. De acordo com o levantamento, as centrais com maior comercialização de hortigranjeiros em 2025 foram a Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp), na unidade da capital paulista, com volume de 2,99 milhões de toneladas e montante de R\$ 13,9 bilhões; o Mercado Municipal de Juazeiro/BA, com cerca de 1,62 milhão de toneladas e R\$ 6,11 bilhões; a CeasaMinas, localizada em Contagem, com 1,499 milhão de toneladas e R\$ 6 bilhões; e a Ceasa/RJ, na capital fluminense, com 1,497 milhão de toneladas e R\$ 6,11 bilhões comercializados. Entre as 26 Ceasas que compõem a base de dados do Sistema de Informações do Mercado Atacadista de Hortigranjeiros (Simab), a movimentação de hortaliças cresceu em seis unidades, com maiores percentuais em Rio Branco/AC (44,9%), Belo Hori-

zonte/MG (4,4%) e Foz do Iguaçu/PR (4,2%). Para as frutas, a Companhia registrou aumento no quantitativo transacionado em 11 Ceasas. Os maiores indicadores foram apurados em Rio Branco/AC (24,11%) e Goiânia/GO (21,04%).



Conab

Acompanhe
o relatório
completo



**COMPROMISSO
COM A
QUALIDADE**

A Sementes Maná, originada do grupo Ouro Branco Agronegócios, produz sementes de soja com alta tecnologia, controle rigoroso e estrutura moderna.

Com mais de 30 mil hectares monitorados e processos que vão do plantio à expedição, garante qualidade, produtividade e confiança ao agricultor.

Guiada por valores como excelência, integridade e compromisso, busca ser a melhor solução em produtividade no campo.



Acesse nosso Instagram

@sementesmana

(62) 3142-8899
ROD BR 060 KM 245,8,
S/N, Zona Rural, Indiara - GO
sementesmana.com.br



Florestas plantadas

O Plano Diretor Florestal para Goiás foi lançado no início de agosto na sede do Sebrae Goiás, em Goiânia. A apresentação reuniu autoridades, representantes do setor produtivo e instituições que participaram da construção do estudo, que estabelece diretrizes para ampliar a produção de florestas plantadas, atender à demanda por madeira e criar condições para a atração de novos investimentos no estado. O documento deve funcionar como um norteador para a atuação conjunta das instituições, com ações de curto e longo prazo. A expectativa é que a organização da cadeia contribua tanto para a atração de investimentos quanto para o fortalecimento dos pequenos negócios que atuam como fornecedores. Participaram da proposição do plano a Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), Sebrae Goiás, Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) e Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa). Elaborado pela ESG Tech,

o plano parte de um cenário de aumento da demanda por madeira de eucalipto, tanto para atividades ligadas ao agronegócio quanto para a indústria de produtos madeireiros, painéis, móveis, celulose e papel. O diagnóstico aponta que Goiás possui atualmente uma base florestal insuficiente para atender à própria demanda e identifica cerca de 8 milhões de hectares com possibilidade de conversão para florestas plantadas.



Silvio Simões/Entremeios Comunicação

Para registro



Silvio Simões/Entremeios Comunicação



Silvio Simões/Entremeios Comunicação



Silvio Simões/Entremeios Comunicação

“Quem conhece Goiás sabe do potencial que nós podemos ter com relação a essa importante cadeia produtiva que é de florestas no Estado. Goiás está dando um passo à frente mobilizando as instituições antes mesmo de o investimento chegar para dar mais confiança para esse tipo de empreendimento.”

José Mário Schreiner,
presidente do Sistema Faeg/Senar

“Para que possamos crescer essa indústria, vamos precisar muito de biomassa. Então, esse é mais um motivo para discutirmos uma base florestal. Temos oportunidades para ampliar em Goiás atividades ligadas à celulose, madeira, compensados, móveis e outros produtos de base florestal. A diversidade da indústria goiana permite conectar a expansão das florestas plantadas a diferentes cadeias produtivas.”

André Rocha,
presidente da Fieg

“Há um grande mercado, uma grande cadeia que se abre a partir desse projeto. A ampliação das florestas plantadas pode atender não apenas à demanda já existente do agronegócio, mas também criar condições para a instalação de novas indústrias.”

Mário Coso,
head de consultoria da ESG Tech

Reconhecimento

Em julho, durante cerimônia da transferência da capital para a histórica Cidade de Goiás, que completa 299 anos em 2026, o então presidente em exercício do Sistema Faeg, Eduardo Veras, recebeu a Comenda da Ordem do Mérito Anhanguera no grau Grande Oficial. Também foi homenageado na solenidade o vice-presidente da Faeg e presidente do Ifag, Armando Rollemberg, que recebeu a comenda no grau Comendador. Concedida a personalidades que se destacam por sua contribuição ao desenvolvimento de Goiás, a Ordem do Mérito Anhanguera reuniu representantes de diferentes áreas em uma cerimônia marcada pelo reconhecimento e pela valorização de trajetórias que contribuem para o estado.



Sistema Faeg/Senar

Crédito rural

Divulgação



O Sistema Faeg participou de uma reunião promovida pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em Brasília, para discutir a modernização do crédito rural, o endividamento dos produtores e o acesso ao financiamento no campo. O encontro reuniu o ministro do Tribunal de Contas da União (TCU), Augusto Nardes, a diretoria da CNA e produtores rurais de Goiás, do Distrito Federal e da Bahia. Durante a reunião, foram debatidas as ações da auditoria conduzida pelo TCU sobre a Política Nacional de Crédito Rural, além de temas como o fortalecimento do seguro rural e o combate à prática de venda casada na contratação de crédito. Representando o Sistema Faeg, participaram o vice-presidente Ênio Fernandes, o gerente técnico Edson Novaes e os produtores rurais Dalmo Sávio, Gustavo Elias e Vinícius Correia, reforçando o compromisso da instituição com a defesa dos interesses do produtor rural e com o aperfeiçoamento das políticas públicas voltadas ao agro brasileiro.

Renegociação

No início de agosto, foi realizada reunião entre a Faeg e o Banco do Brasil, ocasião em que a instituição financeira apresentou os principais pontos relacionados à adesão dos produtores rurais à Medida Provisória nº 1.376, que trata da renegociação de dívidas dos produtores rurais de Goiás. Durante a reunião, o Banco do Brasil informou que já realizou o mapeamento dos produtores que, a princípio, estão aptos a aderir às condições previstas na MP. As agências deverão entrar em contato com esses produtores para orientar e dar andamento aos procedimentos de renegociação. A Faeg reforça, entretanto, a importância de que os produtores rurais que se enquadrem nos critérios estabelecidos também procurem sua agência do Banco do Brasil, a fim de obter informações, apresentar a documentação necessária e dar andamento ao processo. A renegociação prevista na MP 1.376 contempla produtores rurais que tenham enfrentado duas ou três perdas de safra decorrentes de eventos climáticos ou redução da renda bruta em razão da queda dos preços, no período de 2019 a 2025.



Sistema Faeg/Senar

Segurança

Sistema Faeg/Senar



O Sistema Faeg/Senar foi homenageado durante a solenidade comemorativa dos 168 anos da Polícia Militar do Estado de Goiás. O então presidente em exercício, Eduardo Veras, recebeu a Comenda da Ordem do Mérito Tiradentes, no grau Comendador, a mais alta honraria concedida pela instituição. A homenagem representa o reconhecimento à atuação institucional do Sistema Faeg e reforça a parceria entre o setor agropecuário e as forças de segurança pública na construção de um Goiás mais seguro e forte.

Energia

Novos investimentos, parcerias estratégicas e iniciativas voltadas ao desenvolvimento de Goiás marcaram o Conexão Equatorial, no final de julho, em Goiânia. O evento reuniu autoridades, representantes do setor produtivo e lideranças para apresentar os avanços da companhia no Estado e discutir ações voltadas à modernização da infraestrutura elétrica e ao fortalecimento do desenvolvimento regional. O então presidente em exercício do Sistema Faeg/Senar, Eduardo Veras, participou do encontro, reforçando a importância do diálogo entre os diversos setores para a construção de um ambiente cada vez mais favorável ao crescimento de Goiás e do agronegócio.



Divulgação

Santa Helena de Goiás Festival Receitas do Campo



Bruno Braz – Presidente



Divulgação

O Sindicato Rural de Santa Helena de Goiás e o Senar Goiás realizaram a 2ª edição do Festival Receitas do Campo, reunindo mais de 250 pessoas em um momento de confraternização, cultura e valorização das tradições rurais. O festival tem como proposta preservar receitas tradicionais do campo e fortalecer os vínculos entre as famílias, resgatando sabores e conhecimentos transmitidos entre gerações. Durante o evento, os participantes puderam participar de um jantar preparado com receitas da culinária rural. A iniciativa visa ainda contribuir para aproximar o campo da cidade e valorizar a cultura, a identidade e os saberes do produtor rural.

Varjão

Curso de Manejo Integrado do Fogo em Áreas Agrícolas



Gabriel Cabral – Presidente



Divulgação

O Sindicato Rural de Varjão e o Senar Goiás realizaram o curso de Manejo Integrado do Fogo em Áreas Agrícolas, capacitação voltada à prevenção, ao controle e ao combate de incêndios no meio rural. A iniciativa teve como objetivo preparar produtores e trabalhadores rurais para identificar situações de risco, adotar medidas preventivas e agir de maneira segura e eficiente diante de focos de incêndio. No curso, os participantes tiveram acesso a conteúdos teóricos e atividades práticas, aprendendo técnicas de manejo e controle do fogo, além de procedimentos adequados para reduzir os riscos de propagação das chamas e minimizar possíveis danos às propriedades, às áreas produtivas e ao meio ambiente.

Orizona

Treinamento de Prevenção de Acidentes com Defensivos Agrícolas – NR 31.8



Geovardo Pereira – Presidente



Divulgação

O Sindicato Rural de Orizona e o Senar Goiás realizaram treinamento voltado à segurança e à prevenção de acidentes no meio rural. A capacitação de Prevenção de Acidentes com Defensivos Agrícolas – NR 31.8 ocorreu na Fazenda Nossa Senhora da Piedade, com o objetivo de orientar os trabalhadores sobre os cuidados necessários durante o manuseio, preparo, aplicação, armazenamento e transporte de defensivos agrícolas, contribuindo para a redução de riscos de acidentes e para a preservação da saúde e da segurança no ambiente de trabalho. Os participantes receberam informações e orientações práticas sobre o uso adequado dos equipamentos de proteção individual (EPIs), identificação dos riscos relacionados aos defensivos agrícolas, medidas de prevenção, entre outros.

Goianésia

Curso de Rédeas de Equinos



João Pedro Neto – Presidente



Divulgação

O Sindicato Rural de Goianésia e o Senar Goiás realizaram capacitação voltada ao manejo de equinos. Durante quatro dias, os participantes tiveram momentos de aprendizado teórico e prático, com orientações sobre comportamento dos animais, utilização correta das rédeas e técnicas que contribuem para uma condução mais segura, equilibrada e eficiente. A formação buscou aprimorar a relação entre o profissional e o animal, proporcionando maior segurança durante as atividades e melhor desempenho no trabalho com os equinos. O curso foi finalizado em 6 de agosto, com a participação de 12 alunos.

Fertilidade do solo no Cerrado: o que o El Niño de 2026/2027 exige do produtor



**Wagner Gonçalves
Vieira Júnior**
é instrutor do
Senar Goiás,
professor e
engenheiro
agrônomo

Boa parte dos solos brasileiros é antiga e passou por intemperismo intenso: perfis profundos e bem drenados, porém pobres em bases trocáveis e com baixa capacidade de troca de cátions. Fertilidade natural alta é exceção: restringe-se a manchas de terra roxa e a algumas várzeas. Fora delas, quem sustenta a produção é o manejo.

O Cerrado ilustra bem isso. Até os anos 1970 era tido como impróprio para grãos; hoje concentra a maior parte da soja brasileira. A virada veio de pesquisa e correção de solo feita com método, não do acaso. O obstáculo era duplo: alumínio trocável em teores que travam o crescimento radicular e fósforo adsorvido pelos óxidos de ferro e alumínio, indisponível mesmo quando presente no solo. O que o Centro-Oeste colhe hoje é resultado de décadas de pesquisa, que culminaram nas indicações de calagem, gessagem e adubação corretiva.

Para a safra 2026/2027 há uma dificuldade a mais. O Centro de Previsão Climática da NOAA confirmou o El Niño em junho de 2026, e o painel conjunto de INPE, INMET, Cemaden e ANA projeta chuva abaixo da média e calor acima do normal no Brasil Central na primavera, justamente a janela de semeadura. Sob estresse hídrico e térmico, a adubação deixa de servir só à busca de teto produtivo. Passa a funcionar como seguro contra quebra.

Raiz profunda alcança a água guardada nas camadas inferiores durante os veranicos. Para que ela chegue lá, o gesso agrícola é o caminho mais usado: o sulfato forma par iônico com o alumínio, re-

duz sua atividade na solução e o carrega para baixo por lixiviação, enquanto o cálcio ocupa os sítios de troca em profundidade. Some-se a isso o enxofre, exigido pela planta junto com o nitrogênio.

Feita a correção, o posicionamento dos nutrientes pesa. O potássio ganha importância em ano de El Niño porque regula a abertura e o fechamento dos estômatos. Lavoura bem suprida em potássio controla melhor a transpiração e perde menos água em dias de calor extremo. O nitrogênio pede atenção redobrada. Ureia aplicada em superfície sem chuva nos dias seguintes volatiliza, e sob calor as perdas passam de 30% da dose. Fonte protegida ou sulfato de amônio resolvem boa parte disso, desde que a aplicação seja parcelada.

Outro ponto que trato sempre nos treinamentos do Senar Goiás é a matéria orgânica. Palhada mantida e rotação com plantas de cobertura funcionam como esponja: baixam a temperatura da superfície, aumentam a infiltração da chuva e sustentam a biologia do solo, que acelera a ciclagem do adubo aplicado.

O resultado de 2026/2027 não vai depender só do volume de chuva, mas de quanto o solo consegue armazenar e devolver dessa umidade. Adubar não é receita de bolo, exige diagnóstico e leitura atenta do clima, e nada disso funciona sem análise de solo atualizada, feita por camada e não apenas de 0–20 cm. Vale a ressalva: fertilidade não produz chuva, apenas amplia a margem de tolerância da lavoura. Ainda assim, é a tecnologia de adaptação mais acessível que o produtor tem em mãos.

El Niño de alta intensidade na Safra 2026/27 e o alerta e as estratégias para o produtor rural



Marco Antônio dos Santos

é engenheiro agrônomo e agrometeorologista

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

O cenário climático para a safra 2026/27 exige atenção redobrada do agronegócio brasileiro. As projeções atualizadas da NOAA (Administração Oceânica e Atmosférica Nacional dos EUA) confirmam um aumento significativo na probabilidade de um El Niño de forte intensidade ao longo do segundo semestre.

Para o Centro-Oeste e, especialmente, para o estado de Goiás, a confi-

guração do fenômeno desenha um cenário de desafios operacionais complexos. Se, por um lado, as primeiras chuvas tendem a chegar mais cedo, no início da primavera, favorecendo a largada do plantio da soja, por outro, a combinação de bloqueios atmosféricos entre novembro e janeiro com ondas de calor intenso promete testar o potencial produtivo das lavouras em suas fases mais críticas. Uma chuva

antecipada pode trazer uma falsa sensação de segurança no Cerrado. Veranicos severos, altas temperaturas e o impacto direto no milho safrinha e na soja são alguns dos alertas apresentados pelo agrometeorologista Marco Antônio dos Santos, engenheiro agrônomo e sócio-diretor da Rural Clima, uma das principais consultorias de agrometeorologia e monitoramento climático do país.



Divulgação

Com vasta experiência na análise de modelos atmosféricos voltados ao agronegócio, Marco Antônio acumula mais de 20 anos de atuação em inteligência climática aplicada ao setor agropecuário no Brasil e no exterior. É referência nacional na orientação de produtores, cooperativas e tradings para a gestão de riscos climáticos no campo. Nesta entrevista, explica como a irregularidade das chuvas, o déficit

hídrico e a ameaça de uma interrupção precoce da estação chuvosa em 2027 poderão impactar a soja, o milho safrinha, a pecuária e a cana-de-açúcar. Também apresenta uma análise detalhada do cenário, faz alertas para o manejo nas propriedades e destaca os indicadores essenciais que todo produtor deve monitorar para proteger a rentabilidade do negócio durante a temporada.

1 A NOAA aumentou de forma significativa a probabilidade de um El Niño de forte intensidade para o segundo semestre de 2026. O que mudou nas últimas projeções e por que esse cenário passou a preocupar mais os produtores rurais?

Desde o início do ano, os principais centros de monitoramento climático do mundo já sinalizavam a possibilidade de formação de um El Niño muito intenso. O que mudou nos últimos meses foi que, à medida que novos dados foram incorporados aos modelos, aumentou a confiança de que esse cenário realmente poderá ocorrer. O principal fator é o rápido aquecimento das águas superficiais do Oceano Pacífico Equatorial, que continua ganhando intensidade. Quando esse aquecimento se mantém por vários meses, altera a circulação atmosférica em praticamente todo o planeta, modificando a distribuição das chuvas. Para o Brasil, isso normalmente significa excesso de chuva na Região Sul e maior irregularidade das precipitações no Centro-Oeste, Sudeste e parte do Matopiba. O problema não é apenas chover menos, mas a distribuição da chuva tornar-se muito irregular, com períodos secos mais prolongados intercalados por temporais.

2 Quando falamos em um possível "Super El Niño", esse termo é tecnicamente correto? O que caracteriza um evento dessa magnitude?

O termo "Super El Niño" acabou se popularizando na imprensa, mas, tecnicamente, não é utilizado pela comunidade científica. O correto é falar em El Niño de fortíssima intensidade. Essa classificação ocorre quando a anomalia da temperatura da superfície do mar na região Niño 3.4 permanece acima de aproximadamente 2,5°C, considerando uma média móvel de três meses consecutivos. Quanto maior esse aquecimento e quanto mais tempo ele permanecer ativo, maior tende a ser sua capacidade de alterar o regime climático global.

3 Entre os diversos segmentos do agronegócio brasileiro, quais cadeias produtivas tendem a ser mais beneficiadas com a ampliação do acesso ao mercado europeu?

Tudo indica que o Cerrado poderá receber as primeiras chuvas antes do normal. Agosto já pode apresentar episódios de precipitação, enquanto setembro e outubro devem oferecer boas condições para o início do plantio da soja. Entretanto, esse bom começo pode criar uma falsa sensação de segurança. O maior risco aparece justamente na segunda metade da primavera e durante o verão. Entre novembro e janeiro, aumentam as chances de ocorrerem bloqueios atmosféricos, responsáveis por longos períodos sem chuva, acompanhados por temperaturas muito elevadas. É justamente nesse período que grande parte das lavouras entra em fases críticas, como florescimento, formação das vagens e enchimento de grãos.

4 Além da chuva, as temperaturas também devem ficar acima da média? Como isso interfere na produtividade?

Sim. O calor costuma ser um dos principais agravantes durante eventos fortes de El Niño. Quando ocorre uma sequência de dias muito quentes, sem reposição adequada de umidade no solo, a planta reduz sua atividade fisiológica para economizar água. Isso diminui a fotossíntese, prejudica o florescimento, aumenta o abortamento de flores e compromete o enchimento dos grãos. Na prática, mesmo quando volta a chover, parte do potencial produtivo já pode ter sido perdida.

5 Existem regiões de Goiás mais vulneráveis?

Hoje, os modelos ainda não permitem apontar municípios específicos com elevado grau de confiança. O que podemos afirmar é que praticamente todo o estado de Goiás poderá sentir os efeitos do fenômeno, embora a intensidade varie conforme o comportamento das chuvas ao longo da safra. As regiões tradicionalmente mais

secas do estado tendem, naturalmente, a sofrer impactos maiores caso os veranicos se prolonguem.

6 Quais indicadores climáticos o produtor deveria acompanhar durante a safra?

O produtor normalmente olha apenas a previsão dos próximos cinco ou sete dias. Isso é importante para a operação diária da fazenda, mas não basta. Hoje é fundamental acompanhar a evolução da intensidade do El Niño, realizar revisões climáticas entre 20 e 45 dias, com atenção à ocorrência de bloqueios atmosféricos, à tendência das temperaturas e à distribuição das chuvas, e não apenas ao volume acumulado. Essas informações ajudam na tomada de decisões sobre plantio, manejo, aplicações e planejamento operacional.

7 Existe possibilidade de eventos extremos?

Sim. Essa é uma das principais características dos eventos fortes de El Niño, nos quais podemos ter semanas inteiras sem chuva, seguidas por tempestades intensas em poucos dias, o que também aumenta a ocorrência de ondas de calor. Ou seja, o desafio deixa de ser apenas a quantidade de chuva e passa a ser sua distribuição ao longo da safra.

8 Caso o início das chuvas atrase, quais seriam os reflexos?

Na verdade, neste momento, não vejo atraso. Pelo contrário, a tendência atual aponta para a antecipação das primeiras chuvas. O problema poderá surgir depois, quando muitos produtores já tiverem implantado suas lavouras e passarem a enfrentar veranicos prolongados justamente durante fases decisivas do desenvolvimento das plantas. Esse cenário pode ser mais preocupante do que um atraso inicial da estação chuvosa.

9 Além da soja, quais cadeias produtivas poderão sentir mais os efeitos?

“

O que podemos afirmar é que praticamente todo o estado de Goiás poderá sentir os efeitos do fenômeno, embora a intensidade varie conforme o comportamento das chuvas ao longo da safra

”



Divulgação

Os impactos não devem ficar restritos à soja. A cana-de-açúcar poderá sofrer redução no desenvolvimento devido ao déficit hídrico. As pastagens podem apresentar menor produção de massa verde, comprometendo a pecuária. Também existe preocupação com o milho da segunda safra, cuja produtividade depende diretamente das chuvas do fim do verão e do início do outono.

10 Já é possível antecipar um cenário para o milho safrinha de 2027?

Ainda existe um grau importante de incerteza, mas os modelos indicam uma possibilidade de encerramento precoce da estação chuvosa. Caso as últimas chuvas ocorram entre o final de março e o início de abril, muitas lavouras de milho poderão enfrentar deficiência hídrica justamente durante o enchimento dos grãos. Tudo dependerá da velocidade do plantio da soja e, consequentemente, da abertura da janela para implantação do milho.

11 O El Niño poderá permanecer ativo até o outono de 2027?

As projeções atuais indicam que sim. A expectativa é que o fenômeno permaneça atuando pelo menos até o final do verão de 2027, influenciando também o comportamento do início do período seco. Caso isso se confirme,

aumentam as chances de uma interrupção precoce das chuvas, reduzindo a disponibilidade hídrica para o milho safrinha, as pastagens e a recuperação dos reservatórios antes do inverno. Podemos resumir da seguinte forma: as chuvas podem começar mais cedo, favorecendo o plantio da soja. O maior risco ocorre entre novembro e janeiro, com veranicos e calor intenso. Temperaturas elevadas podem reduzir o potencial produtivo, mesmo quando o volume total de chuva estiver próximo da média. O milho safrinha entra em zona de atenção caso o período chuvoso termine mais cedo. O monitoramento climático contínuo será decisivo para reduzir perdas e ajustar o manejo ao longo da safra.

12 Qual é a principal mensagem ao produtor rural?

A palavra é planejamento. O produtor deve acompanhar constantemente as atualizações dos modelos climáticos, porque a previsão sazonal muda conforme novas informações entram nos sistemas. Quem utilizar tecnologia, monitoramento climático e planejamento operacional terá muito mais condições de reduzir riscos do que quem tomar decisões olhando apenas a chuva da semana. Hoje, a informação climática precisa fazer parte da gestão da propriedade.

“

A palavra é planejamento. O produtor deve acompanhar constantemente as atualizações dos modelos climáticos, porque a previsão sazonal muda conforme novas informações entram nos sistemas

”

Do forno da roça às prateleiras dos mercados

Com apoio da AteG Agroindústria do Senar Goiás, casal de Orizona profissionaliza a produção de petas e doces artesanais e inspira outros produtores a agregar valor ao que é produzido no campo

Revana Oliveira | revana@sistемаfaeg.com.br



Valdemir Laureano da Cruz e Terezinha Costa transformaram uma produção familiar em um negócio estruturado, ampliando a renda da propriedade e conquistando novos mercados

Foi a necessidade de encontrar uma fonte de renda, após se mudar para o campo, que nasceu uma história de empreendedorismo rural, perseverança e transformação. Na Fazenda Campo Aberto, em Orizona, o casal Valdemir Laureano da Cruz e Terezinha Costa tira do forno e dos tachos o sustento da família e fortalece a economia local.

Hoje, a marca Na Roça Tem reúne uma linha de petas, ou biscoitos de polvilho, e doces artesanais produzidos com ingredientes da propriedade e de agricultores vizinhos. O começo, que foi bem caseiro, ganhou escala e profissionalização com o acompanhamento da Assistência Técnica e Gerencial (AteG) Agroindústria, do Senar Goiás.

“A gente morava na cidade e resolveu mudar para a roça. Precisávamos tirar o sustento da família e começamos produzindo peta. Era tudo muito simples. Não tinha marca, não tinha rótulo, não tinha embalagem padronizada. Fazíamos tudo em dois fornos elétricos e produzíamos cerca de 50 pacotes por mês”, relembra Valdemir.

Com dedicação, os produtos conquistaram consumidores da região. Aos poucos, a produção cresceu e a pequena iniciativa passou a exigir organização, planejamento e novos investimentos. “Atualmente, produzimos aproximadamente 1.800 pacotes de petas por mês, além de uma variedade de doces. Um deles, o doce de ambrosia, já foi premiado no Festival de Receitas do Campo. Hoje, a peta é o carro-chefe da nossa produção. Entregamos praticamente para todo o comércio da cidade. Também fornecemos para creches, escolas, centros de convivência e participamos de feiras. Conseguimos estruturar o negócio. Estamos registrando a marca, temos código de barras e trabalhamos totalmente legalizados.”

Na Fazenda Campo Aberto, praticamente tudo o que é produzido pode se transformar em alimento com maior valor agregado. Quando a produção própria não é suficiente, entram em cena os vizinhos. “Se naquele dia eu preciso de banana e a minha ainda não está madura, compro do vizinho. Se preciso de queijo, procuro quem produz aqui perto. O polvilho também vem de produtores da região. Assim, a gente movimenta a economia local e ajuda outras famílias também”, conta dona Terezinha.

Segundo Valdemir, essa integração fortalece toda a comunidade rural. “A gente acredita muito nisso. Quando um produtor cresce sozinho



As petas e os doces artesanais da marca Na Roça Tem conquistaram novos mercados e hoje abastecem o comércio local, escolas, feiras e instituições de Orizona

André Costa

é bom, mas quando vários produtores conseguem produzir, transformar e vender, toda a comunidade ganha. O dinheiro circula dentro do município.”

Embora a família já tivesse experiência na produção de alimentos, foi a partir da chegada da Assistência Técnica e Gerencial do Senar Goiás que o negócio passou a ser conduzido como uma empresa.

Valdemir conta que o aprendizado foi muito além das técnicas de fabricação. “A gente precisava aprender a vender, aprender a comprar, controlar os custos e fazer gestão. Antes a gente apenas produzia. Hoje, a gente administra.”

Ele explica que todas as despesas e receitas passaram a ser registradas. “Hoje anotamos tudo. Sabemos quanto gastamos para produzir, quanto vendemos e qual foi a margem de lucro. Fazemos os cálculos corretamente, e isso faz toda a diferença na hora de tomar decisões.”

Segundo ele, esse acompanhamento permitiu enxergar oportunidades de crescimento que antes passavam despercebidas. “A ATeG Agroindústria foi muito importante para nós. O Senar nos ajudou a organizar a propriedade, organizar a agroindústria e entender que produzir bem também exige gestão.”

Valdemir destaca que o conhecimento adquirido pode transformar a realidade de muitos pequenos produtores. “Em Orizona existem cerca de duas mil propriedades rurais. A gente procura incentivar essas famílias a investir na agroindústria também. Produzir é importante, mas transformar o produto aumenta a renda. Sempre digo que as pessoas precisam comer todos os dias. Se a gente agrega valor ao que produz, cria uma oportunidade

muito maior de ganhar dinheiro.”

Ele acredita que a agroindustrialização representa uma das principais alternativas para fortalecer a agricultura familiar. “A gente aposta muito nesse caminho. Quanto mais pequenos produtores aprenderem a transformar seus produtos, mais renda vai ficar dentro das propriedades.”

Para Terezinha, o apoio dos técnicos do Senar Goiás vai além das orientações técnicas. Ela afirma que o incentivo recebido durante o acompanhamento foi essencial para que a família não desistisse diante das dificuldades. “Eles incentivam muito a gente. Sempre mostram que é possível melhorar, desenvolver novos produtos e buscar novos mercados. Orientam sobre produção, vendas e organização. Vale muito a pena.”

A produção continua sendo essencialmente familiar. “Somos eu, meu marido e nosso filho. Cada um tem sua função. Eu cuido principalmente dos doces, mas, quando a produção das petas aperta, vou ajudar também.”

Apesar do aumento expressivo da

produção, grande parte do trabalho continua sendo realizada manualmente. Por isso, o próximo sonho da família é investir em equipamentos. “Queremos comprar uma máquina pingadeira para modelar os biscoitos. Ela vai deixar os produtos mais padronizados e diminuir muito o esforço físico. Nosso objetivo é crescer sem perder a qualidade.”

Otimista, Valdemir finaliza resumindo o sentimento da família ao olhar para a trajetória construída. “Começamos bem pequeninhos. Hoje entendemos que o céu não é mais o nosso limite. Queremos continuar crescendo, vender mais, transformar mais produtos e mostrar que é possível viver bem da agroindústria familiar.”

A Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) Agroindústria, oferecida gratuitamente pelo Senar Goiás, pode ser solicitada nos sindicatos rurais de todo o estado.

Conheça as delícias produzidas pela família



André Costa

Goiás ganha espaço na nova fronteira dos citros

Com o avanço do greening em São Paulo e Minas Gerais, produtores encontram em Goiás condições para ampliar a citricultura, enquanto enfrentam desafios como preços, clima, sanidade e mão de obra

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

Impulsionado pelo avanço do greening (também conhecido como Huanglongbing - HLB) no cinturão citrícola de São Paulo e do Triângulo Mineiro, Goiás tem se firmado como nova fronteira de produção de laranja, mexerica e limão, favorecido por condições de solo e clima propícias ao cultivo. Segundo o boletim Agro em Dados, da Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa), o Estado ocupa hoje o 8º lugar entre os maiores produtores de laranja do Brasil, com safra recorde estimada em 199,7 mil toneladas para 2026.

Enquanto grande parte da laranja produzida no Brasil segue o preço ditado pela indústria de suco, o citricultor Mario Antônio da Silva Junior aposta no mercado local. Ele começou com 1.800 pés e hoje administra mais de 30

mil plantas de laranja e mexerica, com pomares 100% irrigados.

Para atender o varejo de forma constante, Mario escalona a produção. "A nossa área é 100% irrigada, porém a gente faz alguns manejos diferentes para escalar a produção, porque a gente atende o mercado local também. Temos a classificação das frutas, o maquinário e tal", explica.

O resultado é um pomar com diferentes estágios de desenvolvimento. "Eu tenho plantas florando, plantas que têm uma fase de fruta que a gente chamaria de um ping-pong, frutas colhendo, frutas já uma bola de sinuca, que é uma colheita prevista para o final de ano", descreve.

A variedade pera-río contribui para a estratégia. "A variedade pera-río permite mais de uma florada por ano. Vai depender do manejo

que você faz. Às vezes a gente consegue até três floradas, dependendo. Faz uma irrigada, no final de ano vem uma e, às vezes, num veranico aí em janeiro, fevereiro, vem outra. Isso vai variar muito, mas é meio normal conseguir mais floradas, só que precisa da irrigação".

Na mexerica, o manejo varia de acordo com o pomar, inclusive em áreas de sequeiro. "Essas plantas que estamos colhendo de mexerica, que seria uma safra de sequeiro, a gente mantém a irrigação ativa até para a qualidade do fruto, para ele continuar crescendo, dar enchimento", detalha.

Manejo contra o clima

Com a expectativa de um fenômeno climático mais intenso neste ano, Mario ajusta o manejo para proteger a produção durante a floração. "A gente já começou o planejamen-

De 1.800 para mais de 30 mil plantas: Mario Antônio da Silva Junior aposta na irrigação e no escalonamento da produção para atender o mercado local

to de irrigação em alguns setores, começamos a trabalhar com alguns produtos para ir mitigando os efeitos climáticos na planta. Estamos fazendo isso, independente de El Niño", conta.

Na mexerica, utiliza hormônios para retardar a floração. "Na mexerica a gente usa alguns artifícios hormonais para poder, na época que normalmente El Niño solta uma chuva muito esporádica, em setembro, bem isolada, que tende a trazer florada. Então a gente nessa época usa hormônio para manter a planta travada, para ela não soltar a floração. Ela vai soltar essa florada lá para novembro", explica.

Na laranja, a estratégia é segurar a floração até novembro, quando normalmente as chuvas já se estabilizaram. "Segurando essa floração para novembro, vocês já têm a condição de trabalhar com chuva normal, que vem geralmente para o final do ano, e aí a irrigação vem só com um apoio", diz.

Mario também destaca a importância da nutrição e da sanidade. "Uma planta bem conduzida nutricionalmente falando e bem conduzida sanitariamente falando também tende a sofrer menos consequências da adversidade climática, apesar de sofrer também, mas um pouco menos."

Mercado e preço

O produtor enfrenta margens apertadas porque o valor da laranja é influenciado pelo mercado internacional de suco. "O preço que paga o produtor está muito baixo, de fato, porque o que determina o preço, por ser commodity, é o valor que está sendo exportado ao suco. Então é uma conta de trás para frente", afirma.

Para escapar dessa dependência, Mario aposta no mercado local. "Por abastecer o mercado local, a gente consegue, em parte da produção, um preço diferenciado por esse motivo, que a gente atenderia, trabalharia como se fôssemos atacadistas, só que em volume menor. Isso aí nos ajuda muito na questão de fluxo de caixa aqui da propriedade", explica.

Já a mexerica vive um momento diferente, favorecido pela redução dos plantios em São Paulo e Minas Gerais. "A mexerica vive uma fase particular também, de diminuição de plantios em São Paulo e Minas, e acabou para nós, Goiás e Bahia, abastecer o resto do Brasil. Como a produção goiana é baixa e a produção baiana não é tão baixa, é uma produção boa, a gente está com mais demanda pela fruta do que oferta", conta.

Mario defende novos investimen-

tos na citricultura, inclusive por pequenos produtores, desde que haja planejamento e assistência técnica. "Eu acho bem viável, eu acho bem interessante mais produtores investirem na cultura, para a gente tornar isso tradicional da nossa região, do nosso estado. É uma alternativa de renda para algumas propriedades", diz.

Ele ressalta a importância do manejo sanitário. "É importante porque hoje Goiás já é uma área presente de HLB, que é uma doença muito preocupante. O cancro cítrico também é presente em Goiás. Eu acho que o pequeno produtor é muito bem-vindo, mas é importante que ele comece com uma assistência técnica responsável, pensando que ele vai ter que lidar com esse tipo de problema."

O produtor também alerta para o retorno financeiro mais lento. "É importante começar com o pé no chão, porque é uma cultura que gasta muito até você começar a ter retorno. Ela demora um tempo para formar a copa, para atingir estrutura. Então tem que ser um investimento com o pé no chão, e sempre com a consistência técnica", conclui.

Assistência técnica

Na Fazenda Belo Horizonte, em Anápolis (GO), Sirlan Geraldo Santana cultiva quatro mil pés de mexerica em três alqueires. Há 25 anos, iniciou a atividade com apenas 600 plantas, depois de trocar a horticultura pela citricultura em busca de melhor retorno econômico. "Na época achei que a mexerica seria mais rentável. A horta dava muita despesa e a mexerica exigia um custo menor", lembra.

A mudança mais significativa ocorreu há cerca de quatro anos, quando passou a receber a Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar Goiás. "Antes, muitas decisões eram tomadas pela experiência adquirida no campo, a adubação por exemplo, era feita sem análise de solo. Hoje, todas as recomendações seguem critérios técnicos", explica.

A engenheira agrônoma Vanda Maria Ferreira Rutke, técnica de campo do Senar Goiás, acompanhou a transição. Segundo ela, o manejo seguia práticas de outro produtor da região, sem um plano próprio.

"Quando eu entrei, Sirlan fazia as aplicações seguindo o que o Pedro fazia, porque ele e o Pedro tinham o maquinário e eu já trabalhava com o Pedro há mais tempo. Então muito produto que o Pedro usava, ele também estava usando", relata Vanda.

O primeiro ajuste foi na nutrição. "Não tinha uma adubação equilibrada. A gente começou com a análise de solo, fizemos calcário naquelas áreas que precisavam", conta. O trabalho também revisou o controle fitossanitário. "A questão da alternância de produto, o acaricida ele não mudou, mas os outros ele alterou. Passamos a entrar mais cedo para a alternância, na pré-florada, o que antes não acontecia", explica.

O controle de tripes, que havia causado perdas em um dos talhões, também passou a receber atenção. Esses ajustes abriram caminho para novas tecnologias, como a poda mecanizada, implantada há cerca de quatro anos. A técnica favoreceu frutos maiores, mais uniformes e de melhor qualidade comercial. Os resultados levaram Sirlan a comprar a



Sirlan Geraldo cultiva 4 mil pés de mexerica em Anápolis e, com a ajuda da ATeG do Senar Goiás, por meio da técnica Vanda Maria, passou a adotar manejo baseado em análise de solo e recomendações técnicas

Divulgação

própria máquina. "Depois que vimos os resultados, resolvi comprar agora vou fazer a poda em todos os pés", comemora.

Irrigação

No primeiro ciclo produtivo do novo pomar irrigado, formado por 1.500 plantas, foram colhidas aproximadamente 4.180 caixas de mexerica, comercializadas inicialmente por até R\$ 50 cada. Atualmente, o preço gira em torno de R\$ 40. Já a área de sequeiro, com cerca de 2.500 plantas, deverá produzir aproximadamente 8 mil caixas. Apesar do maior volume, a rentabilidade foi menor. A irregularidade das chuvas comprometeu o desenvolvimento dos frutos, que ficaram menores e apresentaram manchas provocadas pelo âcaro da ferrugem.

Com frutos de menor calibre, o preço caiu para cerca de R\$ 30 por caixa, redução de aproximadamente 25% em relação ao ano passado, quando o produtor recebeu em torno de R\$ 40. "O mercado paga pela qualidade quando a fruta é graúda, o preço melhora e na irrigação conseguimos um fruto muito melhor".

O atraso das chuvas também provocou duas floradas consecutivas no mesmo pomar, comprometendo a uniformidade da produção e dificultando o manejo. Mesmo assim, Sirlan destaca que o controle fitossanitário permaneceu eficiente, sem grandes perdas causadas por pragas ou doenças.

Encerrada a colheita, começa um novo ciclo: primeiro, a poda; posteriormente, a irrigação induz uma nova florada, cerca de 30 dias depois. Da abertura das flores até a colheita transcorrem aproximadamente sete meses.

Para Sirlan, a principal transformação ocorreu na forma de produzir. O conhecimento adquirido por meio da ATeG do Senar Goiás permitiu substituir práticas baseadas apenas na experiência por um manejo planejado e orientado por informações técnicas. "Hoje faço tudo diferente. Aprendi muita coisa que não conhecia. A assistência técnica trouxe conhecimento, organização e mais segurança para produzir só tenho a agradecer", comemora.

Mãos que colhem

Nenhuma safra chega ao mercado sem o trabalho manual da colheita. Reginaldo da Silva, de 25 anos, natural da Bahia, veio para Goiás em 2021 para uma temporada de colheita e nunca mais parou. Ele descreve a atividade como um trabalho que exige olhar treinado para reconhecer a fruta pronta e preservar a que ainda precisa amadurecer. "Depende do olhar de vocês para poder

apanhar. E saber a fruta certa, para poder deixar no pé aquela que ainda tem condição de desenvolver mais".

Reginaldo chega a colher de 70 a 80 caixas por dia, o que pode render um salário de R\$ 5 mil por mês. "Nós apanhamos sempre as frutas melhores, no padrão. Se apanhar a miúda vai ter reclamação e os clientes não vão gostar muito também".

A escassez de mão de obra também é um problema para os produtores. Nesse cenário, a contratação de trabalhadores sem experiência pode representar uma oportunidade, desde que haja dedicação e aprendizado.

Jonas Esteves de Matos chegou à citricultura depois de trabalhar em um abatedouro de frango. Após o fechamento da unidade em Bela Vista de Goiás, há três anos, passou a atuar na colheita e na seleção de laranja, sem experiência anterior com o campo. "Eu aprendi muita coisa aqui sobre a laranja, o manejo. A pessoa que quiser trabalhar tem que vir se dedicar mais", conta.

Resultado 'amargo'

Goiás se consolidou como o oitavo maior produtor de laranja do País, com cerca de 11 mil a 12 mil hectares de citros. Mas o crescimento dos últimos anos, combinado a um cenário desfavorável, levou o setor a uma das crises mais severas de sua história recente. O panorama é traçado por Fábio Augusto Soares, produtor de Itaberaí e presidente da Associação Goiana dos Citricultores (Agocitros).

Segundo ele, a localização do Estado, distante dos grandes centros industriais, limita a destinação da produção e empurra Goiás para o mercado in natura, hoje saturado. O cenário se agravou após a valorização da fruta, há cerca de três a quatro anos, que estimulou novos plantios em diversos Estados. "Eleveu-se o preço da fruta a valores astronômicos e isso levou à corrida do ouro, as pessoas achando que aquilo era para sempre", relata. Com o aumento da oferta, o setor passou a enfrentar preços abaixo dos custos de produção. Segundo Soares, há cerca de um ano e meio os produtores vendem a caixa por cerca de R\$ 25, enquanto o custo chega a R\$ 40 ou R\$ 42.

Até mesmo o mercado in natura, tradicionalmente mais valorizado por exigir frutas de melhor qualidade, foi afetado. "Essa é a fruta nobre que Goiás tem a vocação de produzir, mas nós estamos com um mercado totalmente achatado", afirma.

Manejo intenso

Além dos preços, o alto custo de produção pesa sobre a atividade. A



Reginaldo da Silva, 25 anos, colhe até 80 caixas de frutas por dia e destaca que o olhar treinado é essencial para escolher o ponto certo sem comprometer a produção

André Costa

citricultura exige acompanhamento durante todo o ano, com sucessivos manejos para garantir nutrição e controle de pragas e doenças. "É uma fábrica a céu aberto de um custo altíssimo", resume Soares.

A escassez de mão de obra qualificada para a colheita agrava o problema. Mesmo com a capacitação oferecida pelo Senar, ainda há dificuldade para formar turmas. Para Soares, o cenário também reflete o esvaziamento do campo e a transferência de pequenas propriedades para produtores maiores.

Outro desafio está na diferença



Após perder o emprego em um abatedouro, Jonas Esteves de Matos encontrou na citricultura uma nova oportunidade e aprendeu, na prática, sobre colheita e manejo de laranja

André Costa

NÚMEROS DA CITRICULTURA GOIANA

Produção, área colhida, ranking nacional e principais municípios



■ Produção por cultura



LARANJA

199,7 mil t

▲ +9,8% na safra 2026

Área: 9,5 mil ha (▲ +6,7%)

8º maior produtor do Brasil



TANGERINA

27,7 mil t

▲ +10,5% em 2024

Área: 1,1 mil ha (▲ +9,8%)

6º maior produtor do Brasil



LIMÃO TAHITI

3,2 mil t

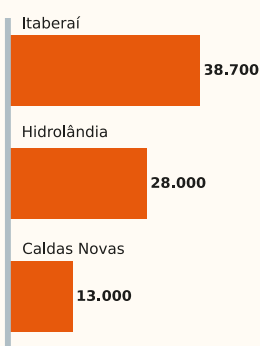
▼ -4,9% em 2024

Área: 174 ha (▼ -9,8%)

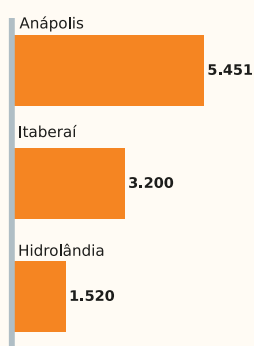
19º maior produtor do Brasil

■ Maiores municípios produtores

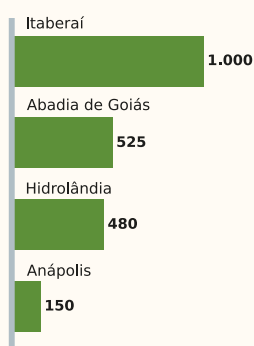
Laranja (t)



Tangerina (t)



Limão Tahiti (t)



Fonte: Agro em Dados/Julho-2026/Seapa

entre o preço recebido pelo produtor e o pago pelo consumidor. Segundo ele, enquanto a fruta sai da propriedade por 60 a 70 centavos o quilo, chega ao supermercado por R\$ 4 ou R\$ 5. "Isso está freando o consumo", afirma.

Diante desse cenário, a Agocitros estuda uma campanha para conscientizar os consumidores sobre a diferença de preços e reforçar os benefícios do consumo de frutas cítricas e suco natural. Soares defende maior atuação do poder público, sobretudo no combate ao greening, uma das principais ameaças à citricultura goiana. Ele também propõe a criação de um fundo indenizatório específico para os citros, com participação pública e privada. "Nós não podemos ter uma atividade de tal importância e não ter um fundo indenizatório na cultura dos cítricos, porque com uma doença severa dessa nós não podemos brincar com o tempo", defende.

Principal desafio fitossanitário

O greening (Huanglongbing – HLB) é considerado a principal doença da citricultura mundial. Causado pela bactéria *Candidatus Liberibacter* spp. e transmitido pelo psílido (*Diaphorina citri*), não tem cura e provoca queda de produtividade, maturação irregular dos frutos, queda prematura e enfraquecimento progressivo das plantas, podendo comprometer a viabilidade dos pomares. Também são relevantes para a cadeia produtiva o cancro cítrico, a clorose variegada dos citros (CVC) e a gomose (*Phytophthora*).

Medidas regulatórias vigentes em Goiás

Desde 2006, por meio de Instrução Normativa da Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa) nº 8/2003, é proibido o plantio, comércio e transporte de material propagativo de citros a céu aberto no Estado. A produção de mudas só é permitida em viveiros protegidos por telado com malha mais restritiva que a exigida na esfera federal.

A Instrução Normativa Federal nº 1.326/2025 determina a produção exclusivamente em viveiros com tela antiafídica. Em maio de 2026, a Agrodefesa publicou a Instrução Normativa nº 1/2026, que institui o Programa Estadual de Prevenção e Controle Complementar ao Huanglongbing (PECHLB), ampliando as ações de vigilância e controle fitossanitário nos pomares goianos.

A Agrodefesa mantém cadastro de 533 citricultores em 562 propriedades rurais (dados 2025/2026) e realiza vigilância, monitoramento fitossanitário, fiscalização do trânsito vegetal e inspeção de viveiros.

Antes que o fogo avance

Mesmo com a redução nos registros de focos de incêndio neste início de seca, em comparação ao mesmo período do ano anterior, o avanço da estiagem e a previsão de um El Niño de forte intensidade reforçam a importância das ações preventivas nas propriedades rurais

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

Na segunda semana de julho, o Centro de Informações Meteorológicas e Hidrológicas de Goiás (Cimehgo), por meio da Sala de Situação de Monitoramento de Riscos e Desastres Naturais, havia registrado 22 focos de queimadas no estado. Considerando o acumulado do mês até aquele período, Goiás contabilizava 53 focos, número inferior ao observado no mesmo intervalo de julho de 2025, quando foram registrados 79 focos.

Embora os números indicassem redução em relação ao mesmo período do ano anterior, o cenário exige atenção. Com a previsão de um El Niño de forte intensidade, o período seco pode se prolongar

e retardar o retorno das chuvas, aumentando o risco de incêndios em áreas rurais e reforçando a necessidade de adoção de medidas preventivas.

Diante desse cenário, a Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg) e o Senar Goiás, em parceria com órgãos públicos, desenvolvem ações de conscientização e capacitação para orientar produtores e trabalhadores rurais sobre práticas de prevenção em lavouras, pastagens, áreas de preservação permanente, reservas legais e também nas propriedades localizadas às margens de rodovias e estradas.

Segundo o assessor de Meio Ambiente e Recursos Hídricos da

Faeg, Thiago Castro, esse trabalho é intensificado todos os anos antes do período mais crítico da seca, levando informação e orientação diretamente aos produtores. “Todos os anos o Sistema Faeg/Senar/Ifag realiza ações de orientação junto aos produtores rurais, principalmente nesse período em que aumenta o risco de queimadas. Estamos em parceria com a Seapa [Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento], Defesa Civil, Corpo de Bombeiros e sindicatos rurais promovendo ações para orientar sobre a construção de aceiros, como a realização dos Dias D, em parceria também com prefeituras que cedem máquinas

Fazer aceiros é essencial para interromper a propagação do fogo, proteger lavouras, pastagens, benfeitorias e áreas de vegetação, reduzindo prejuízos causados pelas queimadas

para a construção dessas faixas, além de reforçar a importância de que sejam implantadas no maior número possível de propriedades, somadas a outras medidas preventivas. O Sistema está sempre ao lado do produtor para tentar minimizar os danos causados pelas queimadas.”

A construção e a manutenção dos aceiros consistem na retirada da vegetação em faixas estratégicas para impedir que o fogo encontre material combustível e continue se propagando. “Eles são importantes dentro das propriedades e também às margens das estradas. Caso ocorra algum foco de incêndio, essa barreira ajuda a impedir que o fogo se alastre e saia do controle.”

Além da implantação dos aceiros, a prevenção passa por uma série de cuidados durante as atividades agrícolas. O assessor explica que, durante a colheita, o atrito entre componentes metálicos das máquinas e pedras existentes no solo pode provocar faíscas capazes de iniciar incêndios, principalmente quando a vegetação já está seca. “A gente sabe que muitas vezes a lâmina da máquina, durante a colheita, pode gerar uma faísca ao atingir uma pedra, e isso pode provocar fogo. Alguns produtores que têm condições deixam um caminhão-pipa de sobreaviso próximo à área de colheita para que qualquer foco seja combatido rapidamente.”

Para reduzir esse risco, a Faeg orienta os produtores a adotarem medidas preventivas simples, mas



Assessor de Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Faeg, Thiago Castro destaca o trabalho conjunto de orientação aos produtores rurais para fortalecer a prevenção às queimadas em Goiás

Divulgação/Faeg

altamente eficazes. Entre elas estão manter os aceiros limpos e conservados ao redor de lavouras, pastagens, reservas legais e benfeitorias; retirar pedras, sucatas, arames, correntes, peças metálicas e outros materiais que possam provocar atrito e gerar faíscas durante a operação de máquinas agrícolas; realizar a manutenção preventiva de colheitadeiras, tratores e implementos, verificando sistemas elétricos, escapamentos, rolamentos e possíveis vazamentos de óleo ou combustível; evitar o acúmulo de palhada, folhas secas e outros materiais combustíveis próximos a galpões, depósitos, cercas e estradas internas; não descartar bitucas de cigarro na propriedade ou às margens de rodovias; retirar garrafas, vidros e outros resíduos que possam favorecer o início de incêndios; manter caminhões-pipa, pulverizadores

com água, abafadores e demais equipamentos de combate sempre em condições de uso durante a colheita; evitar qualquer tipo de queima sem autorização dos órgãos competentes e, sempre que possível, organizar uma rede de apoio entre propriedades vizinhas para que qualquer princípio de incêndio seja combatido rapidamente, antes que ganhe grandes proporções. Também é importante comunicar imediatamente o Corpo de Bombeiros ao identificar um foco de incêndio que apresente risco de propagação das chamas.

Para Thiago Castro, a rapidez na resposta é determinante para evitar grandes prejuízos. “O foco pode existir. O importante é conseguir debelá-lo o mais rápido possível, antes que o fogo perca o controle e ganhe grandes proporções.”

Ele destaca ainda que a mobilização entre produtores tem sido



Divulgação/Faeg



fundamental para reduzir danos quando surgem ocorrências. “Quando pega fogo na fazenda de um vizinho, normalmente os produtores se mobilizam para ajudar. Essa rede de apoio é muito importante para controlar o incêndio rapidamente e evitar prejuízos maiores.”

Thiago também reforça a importância da conscientização da população. “Ainda não estamos no período mais crítico da seca, mas alguns focos já vêm aparecendo. Essas ações também ajudam a conscientizar as comunidades para que não coloquem fogo em lixo ou restos de vegetação, porque isso pode acabar provocando incêndios.”

Capacitação

Além das ações de orientação realizadas em parceria com os órgãos públicos e os sindicatos rurais, o Senar Goiás investe na capacitação de produtores, trabalhadores rurais e profissionais do setor por meio de cursos presenciais e de educação a distância.

O curso presencial Manejo Integrado do Fogo em Áreas Agrícolas prepara os participantes para prevenir, combater e manejar focos de incêndio em áreas agrícolas, de acordo com a legislação vigente e utilizando corretamente os recursos e técnicas disponíveis.



Com carga horária de 24 horas, a capacitação aborda os impactos do fogo sobre o meio ambiente, formação de equipes de combate, queimadas em sistemas agrossilvipastoris, manejo integrado do fogo, comportamento das chamas, legislação aplicada, construção e uso correto de equipamentos e ferramentas, além de práticas de combate aos incêndios. O treinamento é gratuito e pode ser solicitado por produtores e trabalhadores rurais nos Sindicatos Rurais dos municípios, que organizam a formação das turmas em parceria com o Senar Goiás.

Já o curso Prevenção e Controle do Fogo na Agricultura, oferecido gratuitamente na modalidade de Educação a Distância (EAD), possui 20 horas de duração, certificado de conclusão e prazo de até 15 dias para realização. O conteúdo é dividido em oito módulos, que abordam os impactos ambientais do fogo, manejo integrado, comportamento das chamas, uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), ferramentas utilizadas no combate, legislação, alternativas ao uso do fogo, construção



Curso de Manejo Integrado do Fogo capacita produtores e trabalhadores rurais para prevenir, manejar e combater incêndios em áreas agrícolas com técnicas e práticas adequadas

Divulgação/Faeg

de aceiros, queima controlada e técnicas de combate terrestre aos incêndios. As inscrições podem ser feitas pelo portal de Educação

a Distância do Senar Goiás, no endereço ead.senargo.org.br/curso/prevencao-controle-do-fogo-na-agricultura.

PRODUTOR RURAL

CNPJ

AS MELHORES CONDIÇÕES VOCÊ ENCONTRA AQUI!

FALE COM UM VENDEDOR



JORLAN

✦ JORLAN LAGO DAS ROSAS

R. 16-B, 180 - QUADRA 71ª, LOTE 01E
SETOR AEROPORTO, GOIÂNIA - GO.

✦ JORLAN CIDADE JARDIM

AV. ARMANDO DE GODOY, Nº 350,
CIDADE JARDIM, GOIÂNIA - GO

Cozinhar, empreender e transformar

Curso de Cozinha Rural do Senar Goiás preserva tradições, prepara alunos para gerar renda e mostra que a culinária também pode fortalecer a autoestima e a saúde mental

Revana Oliveira | revana@sistемаfaeg.com.br

A cozinha sempre foi um dos espaços mais importantes das famílias do campo. É nela que receitas passam de geração em geração, preservando sabores, histórias e tradições que fazem parte da cultura goiana. Muito antes de se falar em gastronomia ou empreendedorismo, eram as cozinhas das fazendas e das pequenas propriedades que mantinham vivas as receitas de família, os modos de fazer e os costumes transmitidos entre avós, pais e filhos.

Com o objetivo de preservar esse patrimônio cultural e, ao mesmo tempo, criar novas oportunidades de renda para as famílias rurais, o Senar Goiás oferece gratuitamente o curso de Cozinha Rural, uma das capacitações mais procuradas da instituição.

Muito mais do que ensinar receitas, o curso prepara os participantes para transformar o conhecimento culinário em uma atividade profissional. Durante quatro dias de aulas práticas, os alunos aprendem desde boas práticas de higiene e manipulação de alimentos até técnicas de conservação, precificação

e apresentação dos produtos, conhecimentos essenciais para quem deseja empreender no ramo da alimentação.

“O curso é completo e bastante dinâmico. O aluno aprende a preparar café da manhã, almoço, lanches e sobremesas. Não é apenas cozinhar. Ele entende todo o processo, desde a escolha dos ingredientes até a forma correta de produzir alimentos com qualidade e segurança”, explica a instrutora do Senar Goiás, Lissandra Victoria.

Segundo ela, a proposta do Senar é unir tradição e inovação. “A gente resgata as receitas antigas, aquelas receitas de avó, com aquele sabor que desperta lembranças e afeto, mas utilizando técnicas atuais. Isso permite melhorar a qualidade, aumentar a durabilidade dos alimentos e garantir que os produtos possam ser comercializados com segurança. É uma forma de preservar a cultura e, ao mesmo tempo, gerar oportunidades.”

A capacitação contempla ainda conteúdos como segurança no processamento de alimentos, higienização de ambientes, utensílios, frutas, legumes e verduras, técnicas de conservação,

preparo de pratos típicos da cozinha rural, quitandas, bolos tradicionais e noções de economia doméstica.

Outro diferencial é que o curso trabalha conceitos fundamentais para quem deseja iniciar um pequeno negócio. “Muitas vezes, a pessoa faz um doce maravilhoso, mas ele estraga rapidamente ou ela não sabe calcular o preço correto para vender. Aqui ensinamos técnicas de conservação, organização da produção e precificação. O aluno sai preparado para produzir marmitas, trabalhar em restaurantes ou vender quitandas e pratos congelados.” Essa característica faz com que o curso seja procurado tanto por pessoas que desejam aperfeiçoar os conhecimentos culinários quanto por quem busca uma nova fonte de renda.

Além do aspecto técnico, a capacitação incentiva o resgate da culinária regional, valorizando ingredientes produzidos nas propriedades rurais e receitas tradicionais que, muitas vezes, correm o risco de desaparecer com o passar das gerações. Ao aprender novas técnicas, os participantes conseguem preservar esses saberes e ainda





Curso de Cozinha Rural do Senar Goiás capacita para o preparo e a comercialização de alimentos

Divulgação

agregar valor aos produtos, ampliando as possibilidades de comercialização.

Para a aluna Sueli Carneiro, mesmo quem cozinha há muitos anos descobre novos aprendizados durante as aulas. “A gente acha que já sabe cozinhar porque faz comida todos os dias dentro de casa, mas percebe que, ao longo do tempo, vai criando costumes que nem sempre fazem parte da receita original. Aqui aprendemos técnicas diferentes, detalhes que fazem toda a diferença no resultado final e entendemos melhor a verdadeira culinária goiana. Foi um aprendizado muito rico e que vou levar para a vida.”

A participante destaca ainda que a troca de experiências entre os alunos torna o curso ainda mais enriquecedor. “Cada colega traz uma história, um jeito diferente de fazer as coisas. A gente aprende com a professora e também aprende muito ouvindo os outros participantes. É um ambiente muito acolhedor.”

A aposentada Maria das Graças Rocha também saiu motivada das aulas. “A professora ensina com calma, explica quantas vezes forem necessárias e faz questão de acompanhar cada aluno. Isso dá segurança para quem nunca fez determinada receita e também para quem quer começar a vender. A gente percebe que são técnicas que realmente funcionam.”

Para Sinvaldo Oliveira, o curso reúne qualidade técnica e acolhimento. “Tudo o que é produzido tem excelente qualidade e muito sabor. São produtos que podem ser comercializados sem dificuldade porque seguem técnicas corretas. Além disso, o convívio com os colegas é muito importante. A gente conversa, troca experiências e aprende junto.”

De acordo com ele, a experiência vai além do aprendizado culinário. “É um momento de convivência, de distra-

ção e de crescimento pessoal. Você chega pensando que vai aprender receitas e sai com novos amigos, novas ideias e muito mais confiança.”

O impacto da capacitação também é percebido por quem decide transformar a cozinha em um negócio. “Muitos alunos passam a produzir quitandas, doces, marmitas, bolos, pães e refeições congeladas para complementar a renda da família ou até mesmo iniciar um empreendimento próprio. Outros utilizam os conhecimentos para melhorar a alimentação da família, reduzir desperdícios e aproveitar melhor os alimentos produzidos na propriedade rural”, reforça Lissandra.

Conhecimento e saúde mental

O curso de Cozinha Rural do Senar Goiás também tem demonstrado que o conhecimento pode transformar vidas em diferentes contextos. Para mostrar essa dimensão da capacitação, esta reportagem acompanhou um dia de aula realizado na Atto Psicologia e Psiquiatria.

Na instituição, muitos participantes fazem parte do Hospital Dia, modalidade de atendimento destinada a pessoas em tratamento de transtornos como ansiedade e depressão. Além do acompanhamento médico e psicológico, eles participam de atividades terapêuticas, esportivas, artísticas e de qualificação profissional. Entre elas, está o curso de Cozinha Rural do Senar Goiás.

Para o diretor da Atto Psicologia e Psiquiatria, Geso Oliveira, aprender uma nova habilidade vai muito além da aquisição de conhecimento técnico. “A depressão e a ansiedade fazem parte da realidade de muitos pacientes atendidos aqui. Quando eles participam de um curso como esse, passam a desenvolver novas habilidades, convivem com outras pessoas e recuperam a confiança. Muitos continuam praticando em casa. Alguns utilizam a culinária como parte do tratamento e outros conseguem transformar esse aprendizado em uma fonte de renda para a família.”

Para Geso, os resultados aparecem tanto na evolução emocional quanto na retomada da autonomia dos participantes. Uma das histórias mais marcantes vividas pela equipe da instituição envolve um casal que encontrou na culinária um novo sentido para a vida.

“Nós tivemos um casal que já não tinha mais ânimo para viver. Eles estavam completamente desmotivados. Em um dos cursos do Senar, aprenderam

técnicas de panificação, começaram a produzir pães e outros produtos para vender e encontraram um novo propósito. Hoje são pessoas felizes, motivadas e conseguem complementar a renda da família com aquilo que produzem. É uma transformação que vai muito além da geração de renda.” O diretor explica que experiências como essa mostram que conhecimento, acolhimento e oportunidade caminham lado a lado. “Quando a pessoa percebe que é capaz de aprender, produzir e ainda gerar renda, ela recupera a autoestima. Isso faz diferença na qualidade de vida e no tratamento. O curso acaba se tornando um instrumento de inclusão, autonomia e esperança.”

A instrutora Lissandra Victoria observa que essa transformação é percebida diariamente durante as aulas. Segundo ela, a cozinha cria um ambiente acolhedor, em que os participantes compartilham histórias, descobrem habilidades que muitas vezes nem imaginavam possuir e recuperam a confiança para enfrentar novos desafios. “É muito gratificante ver a evolução de cada aluno. Muitos chegam inseguros, dizendo que não sabem cozinhar ou que nunca conseguirão fazer determinada receita. Aos poucos, eles vão percebendo que são capazes. Quando veem o resultado final e recebem o reconhecimento dos colegas, a autoestima muda completamente.” Para ela, o curso também fortalece vínculos e incentiva a convivência. “A cozinha aproxima as pessoas. Enquanto uma receita é preparada, surgem conversas, lembranças da infância, histórias de família e troca de experiências. É um ambiente muito leve, onde todos aprendem juntos. Essa convivência faz toda a diferença.”

Ao final de cada aula, os participantes compartilham os pratos preparados, celebram o aprendizado e comprovam que a cozinha pode ser muito mais do que um lugar para preparar alimentos. Ela também pode ser um espaço de convivência, de preservação da cultura, de empreendedorismo e de transformação de vidas.

Os cursos do Senar Goiás são gratuitos e podem ser solicitados pelos Sindicatos Rurais em todo o estado. Acesse o QR Code e assista a reportagem.

Conheça
mais



Quando a inovação chega à porteira

Iniciativa do Senar Goiás cria uma rede de produtores para testar e incorporar tecnologias capazes de responder aos desafios reais do campo

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

Existe um momento, na jornada de qualquer solução tecnológica, em que ela precisa sair do laboratório e da tela do computador e provar que funciona no campo, no curral, no dia a dia real de quem produz. É exatamente esse o papel do Conecta Campo, programa do Senar Goiás que fecha a esteira de inovação do Campo Lab e levará tecnologia para dentro da porteira.

Os números explicam porque esse movimento é urgente. O agronegócio brasileiro vive um paradoxo digital: 84,1% dos produtores já utilizam ao menos uma tecnologia digital, se-

gundo pesquisa divulgada em 2020 pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), mas, na maioria dos casos, em usos básicos, como aplicativos de mensagens e consulta ao clima. Ao mesmo tempo, apenas cerca de 5% da área agricultável do País conta com conectividade à internet, aponta estudo da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq), da Universidade de São Paulo (USP). Os próprios produtores identificam

os dois maiores entraves para avançar: o custo de implantação, citado por 67%, e a conectividade, por 48%. Não por acaso, a agropecuária figura como o setor menos digitalizado da economia no índice de digitalização setorial do McKinsey Global Institute.

Do outro lado da equação, nunca houve tanta solução disponível. O Radar Agtech Brasil 2025, mapeamento realizado por Embrapa, SP Ventures e Homo Ludens, identificou 2.072 agtechs em atividade no País. O gargalo, portanto, não é a falta de tecnologia, mas a última milha da adoção. É essa distância entre o celular na mão do



Conecta Campo

NEVO é um sistema validado através do Conecta Campo, para identificação de lesões cancerígenas na pele dos trabalhadores rurais

produtor e a tecnologia funcionando na porteira que o Conecta Campo se propõe a encurtar.

“Diferente de uma vitrine pontual de startups, o Conecta Campo tem uma missão clara, que é construir e fortalecer uma rede de produtores rurais inovadores. Não se trata de reunir tecnologias e torcer para que alguma ‘pegue’. Será um processo estruturado, no qual o produtor é protagonista, não espectador”, pontua Itallo Alves, gerente de Inovação.

Antes de qualquer diagnóstico, capacitação ou implantação, o programa começará por um movimento simples e decisivo, que é sensibilizar o produtor. É nas imersões de sensibilização que a rede começará a se formar experiências de contato direto com a inteligência artificial aplicada à gestão da propriedade rural, pensadas para aproximar o produtor da transformação digital e despertar o interesse em participar da jornada.

Mais do que um conteúdo introdutório, essas imersões cumprirão um papel estratégico: será a partir delas que se identificarão os produtores, ou os filhos de produtores rurais, com maior potencial de adesão. O resultado desse primeiro contato alimentará o diagnóstico que decidirá quem avança para as próximas fases. Conectar e criar a rede de produtores rurais começará, portanto, muito antes da porteira.

“Cada produtor que entrar no programa passará por uma jornada de capacitação em transformação digital antes de receber qualquer tecnologia. Só depois disso ele se conectará às soluções desenvolvidas por startups parceiras, em geral egresas do próprio Campo Lab, formadas nos programas Desafio AgroStartup e Acelera Campo. Nascerá assim a Rede de Propriedades Conectadas: produtores que adotarão inovação com acompanhamento técnico, distribuídos pelas regiões do Estado e transformados em referência para os vizinhos”, explica Pedro Camilo, diretor de inovação do Campo Lab.

O segundo pilar da missão é igualmente direto: conectar as soluções certas aos desafios certos. “O programa irá absorver tecnologia genérica para o campo, a partir do diagnóstico junto ao produtor, observando os gargalos reais de produtividade,



Gerente de Inovação, Itallo Alves (de crachá) em ação do Conecta Campo. Ele ressalta que o programa busca construir uma rede de produtores rurais inovadores

Conecta Campo

gestão ou sustentabilidade, as startups cujas soluções tenham coerência técnica àquele desafio específico. Depois virá a implantação assistida, acompanhada de perto por um Técnico de Campo da Assistência Técnica e Gerencial (AteG) do Senar Goiás, responsável por monitorar a adoção, registrar evidências e mediar a relação entre produtor e startup.”

O programa começará grande e afunilará com critério. Ao todo, 120 produtores serão cadastrados inicialmente na rede, ponto de partida do diagnóstico de prontidão digital, da jornada de capacitação e do mapeamento dos desafios de cada um. Desse universo, 33 produtores avançarão para a fase de implantação tecnológica, na proporção de até três por cadeia produtiva, garantindo que

nenhum elo do agronegócio goiano fique de fora: grãos, pecuária de corte, pecuária leiteira, avicultura, suinocultura, piscicultura, horticultura, fruticultura, silvicultura, agroindústria, irrigação e cafeicultura. As vagas serão distribuídas entre as seis regiões que possuem Unidades Avanças de Capacitação (UACs) em Goiás.

Há ainda uma dimensão que atravessa todo o desenho do programa: a sucessão familiar. “O Conecta Campo usará a inovação e a transformação digital como instrumentos para fortalecer a propriedade rural e estimular a permanência das novas gerações no campo, conectando a experiência de quem produz ao potencial inovador de quem chega”, concluiu Dirceu Borges, superintendente do Senar Goiás.



Diretor de inovação do Campo Lab, Pedro Camilo destaca a capacitação dos produtores antes da adoção de tecnologias, com acompanhamento técnico e conexão a startups

Conecta Campo

ESG na Colmeia: do diagnóstico ao Top 5 da 7ª edição

Projeto estruturou ações de sustentabilidade, fortaleceu a gestão da Fazenda Pastinho, impulsionou o turismo rural e a formalização da Honey Bee Cosméticos

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

O grupo Faeg Jovem Anápolis transformou um diagnóstico participativo em um projeto reconhecido entre os cinco melhores da 7ª edição do programa. Intitulada ESG na Colmeia, a iniciativa foi desenvolvida na Fazenda Pastinho, dos produtores Wilson e Neidimar Costa, e teve como objetivo estruturar e potencializar práticas sustentáveis já existentes na propriedade.

Segundo a tutora do grupo durante o concurso, Andreza Mareco, o

trabalho começou com uma escuta ativa dos produtores. "Encontramos uma realidade com grande potencial: apicultura familiar, cosméticos à base de mel, turismo rural sustentável e práticas ambientais como energia solar, agricultura regenerativa e recuperação de nascentes. O desafio era organizar essas iniciativas e transformar ações isoladas em resultados", explica.

A primeira etapa consistiu em um diagnóstico que identificou necessidades como a formalização

da Honey Bee Cosméticos, o aprimoramento da gestão financeira, o fortalecimento do turismo rural, a estruturação da futura Casa do Mel e a recuperação de uma área atingida por incêndio. A partir desse levantamento, o grupo articulou parcerias com o Sindicato Rural de Anápolis, Senar Goiás, Sebrae Goiás, Secretaria Municipal de Meio Ambiente e a própria Fazenda Pastinho.

Na área ambiental, o projeto apoiou o reflorestamento de 1,5





Divulgação

alqueire degradado pelo incêndio, utilizando mudas nativas doadas pela Secretaria de Meio Ambiente. Além disso, deu visibilidade às práticas sustentáveis já adotadas na propriedade, como a preservação de nascentes, o uso de energia solar e o manejo adequado de resíduos. As visitas ao apiário também passaram a ser utilizadas como oportunidade para conscientizar visitantes sobre a importância das abelhas, da conservação do solo e da água e da preservação ambiental.

No eixo social, o destaque foi o fortalecimento do protagonismo feminino de Neidimar Costa, responsável pela Honey Bee Cosméticos e pelo recebimento dos visitantes na Fazenda Pastinho.

"O turismo rural aproximou campo e cidade ao receber estudantes, famílias e grupos da comunidade em vivências guiadas, oficinas, degustações e contato direto com a apicultura. Assim, a fazenda se consolidou como espaço de aprendizagem, renda complementar e valorização da mulher no agro", afirma a produtora.

Na área de governança, uma das principais conquistas foi a abertura do CNPJ da Honey Bee, com apoio do Sebrae Goiás. A formalização garantiu segurança jurídica, emissão de notas fiscais, acesso a compras institucionais, linhas de crédito e futuros selos de inspeção. Outra mudança importante foi a implantação de um sistema de controle financeiro digital, substi-

tuindo as anotações em papel por uma gestão organizada de custos, receitas e resultados.

"Antes a gente anotava tudo em papel, sem saber direito quanto sobrava no fim do mês. Hoje consigo ver custo, lucro e tomar decisão com mais segurança", relata Neidimar.

Outro avanço foi a articulação para a implantação da Casa do Mel, estrutura que permitirá processar, armazenar e envasar o produto com maior segurança sanitária, fortalecendo a comercialização e beneficiando outros apicultores da região. Mesmo após as perdas provocadas pelo incêndio, a Fazenda Pastinho manteve seu compromisso com a sustentabilidade e consolidou-se como referência regional.

Os resultados do ESG na Colmeia já são percebidos na comunidade, com maior visibilidade para a produção local, fortalecimento do turismo rural como ferramenta educativa, melhoria da gestão, geração de renda e inspiração para outros produtores.

"A caminhada até o Top 5 mostrou que, quando juventude rural, produtores e parceiros caminham juntos, o ESG deixa de ser conceito e se transforma em prática, resultado e legado para Anápolis", conclui Sandoval Vieira da Rocha, coordenador do grupo na edição 2025.



Divulgação

Como produzir amoras doces?

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br



Divulgação



Divulgação

Envie suas dúvidas

A Revista Campo abre espaço para responder dúvidas dos nossos leitores sobre produção, cultivo, criação, ações do Sistema Faeg Senar, entre outros assuntos. Envie suas perguntas para o e-mail: revistacampogoias@gmail.com. Participe!

Ana Rosália, de Goiânia, ganhou pés de amora que foram plantados no jardim. As plantas cresceram e ficaram carregadas. No entanto, apesar de as frutas serem graúdas e suculentas, são muito azedas.

Dúvida | O que fazer para que fiquem doces, já que a origem delas é essa?

Resposta | As amoreiras são plantas rústicas, de fácil adaptação e que se desenvolvem bem em diferentes regiões do Brasil. Elas preferem locais com boa incidência de sol, recebendo pelo menos seis horas diárias de luz. Quanto maior a exposição solar, maior tende a ser o acúmulo de açúcares nos frutos. Outro fator importante é o solo. O ideal é que seja fértil, rico em matéria orgânica e com boa drenagem. Solos muito encharcados prejudicam o desenvolvimento das raízes e comprometem a qualidade da produção. A adubação também faz diferença. O uso de composto orgânico, esterco bem curtido e adubos equilibrados favorece plantas mais vigorosas e frutos de melhor qualidade. O excesso de nitrogênio, por outro lado, estimula apenas o crescimento dos ramos e folhas, reduzindo a qualidade das frutas.

A irrigação deve ser frequente durante o desenvolvimento dos frutos, principalmente em períodos de estiagem. No entanto, o excesso de água próximo à colheita pode deixar as amoras menos doces, pois aumenta a quantidade de água na fruta e reduz a concentração de açúcares. Um dos erros mais comuns é colher as amoras antes do ponto ideal de maturação. Muitas pessoas acreditam que basta a fruta ficar escura para estar pronta, mas isso nem sempre acontece. A amora continua acumulando açúcares até atingir a maturação completa. O ideal é esperar que ela apresente coloração preta intensa, brilho reduzido e se desprenda facilmente do pedúnculo. Nessa fase, o sabor fica mais equilibrado, com menor acidez e maior doçura.

Mesmo seguindo todos os cuidados, algumas cultivares são naturalmente mais ácidas do que outras. Existem variedades desenvolvidas para processamento industrial, como produção de geleias, sucos e doces, que apresentam maior acidez. Já outras foram selecionadas para consumo in natura e produzem frutos mais doces. Por isso, se a planta produz amoras azedas todos os anos, mesmo quando os frutos amadurecem completamente, é provável que essa característica seja própria da variedade cultivada. Não existe produto ou técnica capaz de transformar uma variedade naturalmente ácida em uma fruta doce. Quando a planta recebe boa luminosidade, é cultivada em solo fértil, recebe irrigação adequada e os frutos são colhidos no ponto ideal de maturação, mas ainda assim permanecem muito ácidos, a causa mais provável é a genética da variedade. Alguns cuidados ajudam a melhorar a qualidade e o sabor dos frutos, como cultivar a planta em local com bastante sol; fazer adubação equilibrada e rica em matéria orgânica, pelo menos três adubações durante o período chuvoso; evitar excesso de água na fase final de amadurecimento; aguardar a maturação completa antes da colheita; e realizar podas anuais para renovar os ramos e favorecer a entrada de luz na copa.

Também não existe adubo capaz de tornar doce uma variedade naturalmente ácida. No entanto, fertilizantes ricos em potássio (K) podem favorecer a formação e a qualidade dos frutos, contribuindo para um leve aumento na concentração de açúcares quando a planta apresenta deficiência desse nutriente. Adubos como sulfato de potássio, cloreto de potássio, quando indicado por análise de solo, ou formulações para frutíferas, como NPK 4-14-8 ou 10-10-10, devem ser utilizados apenas conforme a necessidade da planta e, de preferência, com orientação técnica.



Resposta enviada pela técnica de campo do Senar Goiás, Marina Arriel

Sabão em pó e sabão de coco combatem pragas nas plantas?

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

Laura Azevedo, de Trindade, cultiva plantas no jardim e na horta, que às vezes sofrem com pragas. Ela quer saber se é mito ou verdade que sabão em pó ou sabão de coco realmente ajudam no controle.



Verdade!

Mas não é a melhor opção em todos os casos. O sabão em pó pode ajudar em algumas situações, porém costuma conter fragrâncias, corantes e outros aditivos que podem prejudicar as plantas. Para o jardim e a horta, o sabão de coco é a alternativa mais segura e indicada.

O sabão, quando usado corretamente, pode ser um aliado no controle de algumas pragas. O sabão de coco, de preferência puro e sem perfumes ou alvejantes, é o mais recomendado. Ele rompe a camada protetora de insetos de corpo mole, como pulgões, cochonilhas, moscas-brancas e ácaros, além de ajudar a remover resíduos deixados por essas pragas nas folhas.

Para preparar, dissolva de 10 a 20 gramas de sabão de coco em 1 litro de água morna. Depois de esfriar, coloque a solução em um borrifador e aplique diretamente sobre as pragas, de preferência no fim da tarde ou em dias nublados. Se desejar, enxágue as folhas com água limpa após algumas horas.

O sabão em pó deve ser usado apenas em situações específicas e com muita cautela. A maioria das marcas contém fragrâncias, corantes, branqueadores ópticos e outros químicos que podem queimar folhas e prejudicar plantas mais sensíveis.

Se for usar, faça uma solução bem diluída, com cerca de 1 colher de chá para 1 litro de água, e teste antes em poucas folhas. Além disso, o sabão em pó não deve ser aplicado diretamente em flores, pois elas são muito sensíveis aos seus componentes e podem murchar, manchar ou sofrer queimaduras. Já o sabão de coco, quando puro e utilizado na diluição correta, é mais suave e pode ser usado inclusive em plantas floridas, desde que a aplicação seja feita com cuidado e, de preferência, sobre as folhas e as pragas, evitando o excesso nas pétalas.

Quando usadas na concentração correta, as misturas costumam ser bem aceitas por roseiras, hibiscos, jabuticabeiras, limoeiros e outras frutíferas, pimenteiros, tomateiros, berinjelas, couve, repolho, alface, manjeriço, alecrim, hortelã, jasmim e primavera (Bougainvillea).

Evite aplicar, ou faça testes antes, em samambaias, orquídeas, violetas, suculentas, cactos, begônias, marantas, calatêias, antúrios e em plantas com folhas muito finas, ave-ludadas ou recém-brotadas.

Nunca aplique as soluções sob sol forte ou em dias muito quentes. O ideal é borrifar no início da manhã ou no fim da tarde para evitar queimaduras nas folhas.

Lembre-se: o sabão não é fertilizante, mas apenas um auxiliar no controle de algumas pragas. Sempre que possível, prefira o sabão de coco, que é mais suave e oferece menor risco às plantas.



Divulgação



Resposta enviada pela técnica de campo do Senar Goiás, Marina Arriel



Soja encerra julho em alta na CBOT, com demanda aquecida e clima nos EUA no radar

Em julho, a soja encerrou o mês em alta na Bolsa de Chicago, sustentada pelas preocupações com o clima no Meio-Oeste dos Estados Unidos, durante o desenvolvimento da safra, pela retomada das compras chinesas e pelas tensões geopolíticas, que fortaleceram o petróleo e o complexo soja. Apesar da volatilidade e da realização de lucros no fim do mês, as cotações permaneceram valorizadas.

No Brasil, o mercado permaneceu firme durante julho, impulsionado pela demanda externa e pelos prêmios elevados de exportação. No primeiro semestre, o país embarcou 69,57 milhões de toneladas, avanço de 35% sobre igual período de 2025, enquanto junho registrou recorde de 14,49 milhões de toneladas exportadas. Esse cenário sustentou os preços internos e favoreceu a comercialização da oleaginosa.

Em Goiás, a demanda pela soja permaneceu firme, impulsionada pelo desempenho das exportações, que tiveram a oleaginosa como principal produto da pauta estadual. A soja disponível encerrou julho a R\$ 130,00/sc +9,82%, enquanto a balcão avançou 6,85% e a futura registrou alta de 2,38%.

Gráfico 1 - Evolução no preço do contrato futuro de soja em julho/26.



Tabela 1 - Variação dos preços médios da soja em Goiás em julho/26.

Descrição	Valor 01/07	Valor 31/07	Diferença
Soja Disponível	R\$118,38	R\$130,00	+R\$11,62
Soja Balcão	R\$113,47	R\$121,24	+R\$7,77
Soja Futuro	R\$115,73	R\$118,48	+R\$2,75



Para agosto, o mercado deverá seguir atento às condições climáticas no Meio-Oeste dos Estados Unidos, ao ritmo das compras chinesas e ao desempenho das exportações brasileiras, fatores que devem continuar influenciando as cotações da soja.



Entrada da safrinha amplia oferta e mantém mercado brasileiro pressionado

Na Bolsa de Chicago (CBOT), o milho encerrou julho em alta, com valorização entre 5,76% e 6,42% nos principais contratos. Ao longo do mês, as preocupações com o clima nos EUA, durante as fases de pendoamento e enchimento de grãos, deram sustentação às cotações. As oscilações do petróleo, influenciadas pelas tensões geopolíticas, também afetaram o mercado ao repercutirem nas expectativas para a produção de etanol. A demanda externa e o ritmo das exportações norte-americanas reforçaram os ganhos, apesar das correções registradas no fim do mês.

No mercado interno, a colheita da safrinha avançou para 61%, ampliando a oferta, segundo a Conab. A valorização do dólar e dos contratos da CBOT limitaram a pressão sobre os preços na Bolsa Brasileira (B3), com os três primeiros contratos acumulando ganhos entre 2,33% e 4,73%. No mercado físico, a comercialização permaneceu lenta em algumas regiões, com preços estáveis em boa parte das praças.

Em Goiás, a colheita da safrinha avançou ao longo do mês, favorecida pela redução da umidade dos grãos e pelas condições mais secas. De acordo com a Conab, os trabalhos alcançaram 58% da área ao fim de julho.

Gráfico 1 - Evolução no preço do contrato futuro de milho em julho/26.

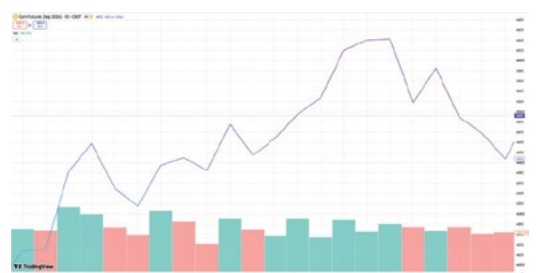


Tabela 1 - Variação do preço médio do milho em Goiás no mês de julho de 2026.

Descrição	Valor 01/07	Valor 31/07	Diferença
Milho Balcão (Média Estado)	R\$50,75	R\$51,61	+R\$0,86
Milho Futuro (Média Estado)	R\$49,50	R\$51,50	+R\$2,00
Rio Verde	R\$49,00	R\$51,00	+R\$2,00



Para agosto, o mercado seguirá atento às condições climáticas nos Estados Unidos, com reflexos na CBOT e na B3. No Brasil, o avanço da colheita da safrinha ampliará a oferta, enquanto as exportações e o comportamento do dólar poderão contribuir para um cenário mais equilibrado entre oferta e demanda.



Arroba reage na segunda quinzena com oferta restrita

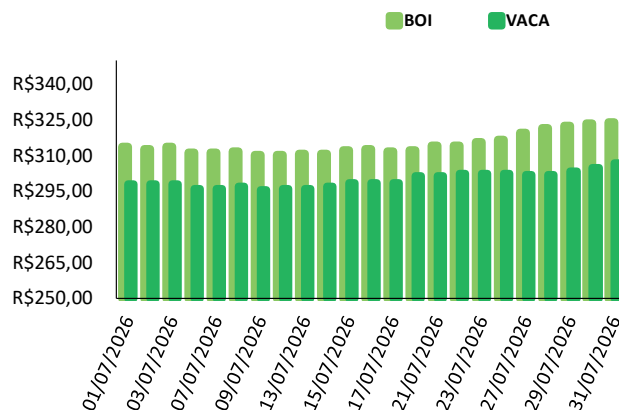
Julho foi marcado por uma recuperação gradual das cotações do boi gordo. Na segunda quinzena, a menor disponibilidade de bovinos prontos para abate voltou a reduzir as escalas dos frigoríficos, favorecendo a valorização da arroba. Em Goiás, o boi gordo registrou média de R\$ 314,81/@, alta de 3,29%, enquanto a vaca gorda encerrou o mês em R\$ 299,86/@, avanço de 2,86%.

A oferta mais restrita dificultou a formação das escalas de abate e intensificou a disputa da indústria pelos lotes disponíveis. Esse movimento também foi observado no mercado paulista, onde o indicador DATAGRO SP fechou julho com média de R\$ 335,52/@, valorização de 2,84% em relação ao mês anterior.

No mercado externo, as exportações apresentaram retração, movimento já esperado diante da redução das compras pela China. Segundo a SECEX, o Brasil exportou 227,9 mil toneladas de carne bovina in natura, volume 17,7% inferior ao registrado em julho do ano passado. Apesar da queda no volume embarcado, o preço médio da carne exportada foi 14,4% superior, demonstrando que a proteína brasileira segue valorizada no mercado internacional.

Para agosto, a expectativa é de um mercado mais equilibrado. A entrada gradual de animais oriundos dos confinamentos tende a ampliar a oferta, enquanto a demanda da indústria e o ritmo das exportações continuarão sendo os principais fatores para a formação dos preços.

PREÇO MÉDIO BOI GORDO E VACA GORDA À VISTA
EM GOIÁS R\$/@



FONTE: IFAG



Mercado interno segue pressionado, mas exportações mantêm o setor sustentado

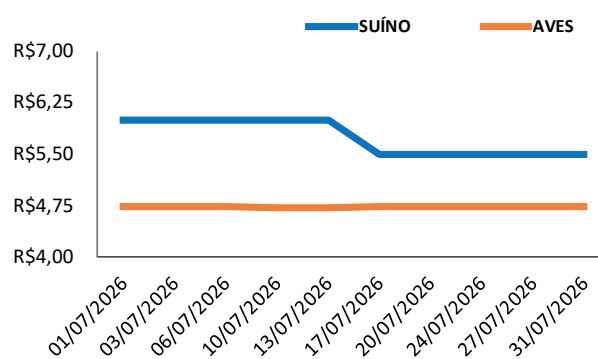
Julho foi marcado por um mercado interno desafiador para a avicultura e a suinocultura, com oferta elevada e consumo abaixo do esperado pressionando as cotações dos animais vivos. Em Goiás, o frango vivo apresentou média de R\$ 4,73/kg, mantendo relativa estabilidade no mês, enquanto o suíno vivo foi cotado a R\$ 5,75/kg, registrando queda de 8,33% em relação a junho.

Na avicultura, a maior disponibilidade de carne de frango no mercado doméstico limitou a recuperação dos preços ao longo do mês. Já na suinocultura, além da demanda enfraquecida, o aumento da oferta interna, resultado da expansão da produção observada nos últimos meses, intensificou a pressão sobre as cotações, mantendo o mercado mais cauteloso.

No mercado externo, entretanto, o desempenho continuou positivo e seguiu como principal fator de sustentação das cadeias. As exportações de carne de frango alcançaram 482 mil toneladas, crescimento de 28,5% em relação a julho do ano anterior. Já os embarques de carne suína totalizaram 115,4 mil toneladas, alta de 2,3%, confirmando a boa demanda internacional pelas proteínas brasileiras.

Para agosto, a expectativa é de continuidade do bom desempenho das exportações, enquanto o mercado interno deverá acompanhar a evolução do consumo e o equilíbrio entre oferta e demanda. A redução dos excedentes de produção será determinante para uma recuperação mais consistente das cotações, principalmente na suinocultura.

PREÇO MÉDIO SUÍNO E FRANGO VIVO EM GOIÁS
R\$/KG



FONTE: IFAG; AGROLINK



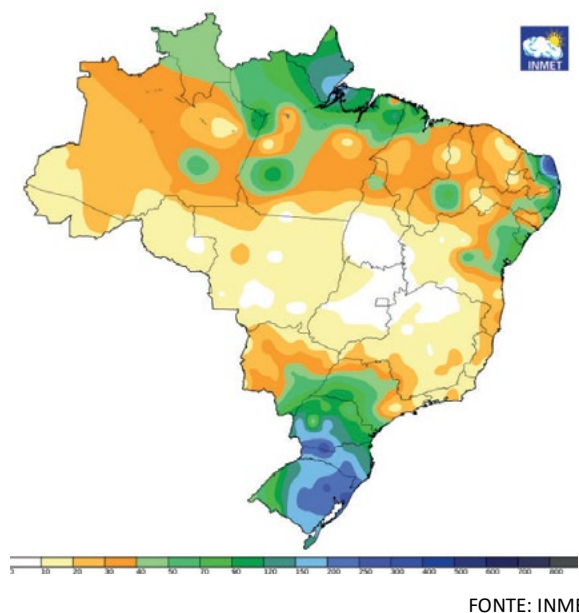
Julho mantém o tempo seco e favorece o avanço das colheitas

Em julho, o clima em Goiás foi marcado pelo predomínio do tempo seco, com baixa ocorrência de chuvas, temperaturas elevadas e redução progressiva da umidade do solo. As condições favoreceram a maturação e a colheita das culturas de segunda safra, embora a restrição hídrica tenha contribuído para o encurtamento do ciclo do milho em algumas áreas. Ao longo do mês, o tempo firme predominou na maior parte do estado, com precipitações pontuais e pouco significativas, segundo o Centro de Informações Meteorológicas e Hidrológicas de Goiás (CIMEAHGO).

No campo, o clima seco favoreceu o avanço da colheita do milho, do algodão, do feijão e do trigo de sequeiro. A redução da umidade dos grãos contribuiu para o ritmo das operações e para a qualidade do feijão colhido, enquanto o algodão apresentou rendimentos dentro das expectativas em importantes regiões produtoras. No entanto, chuvas recentes no extremo sul prejudicaram parte da pluma já colhida, aumentando o nível de impurezas. As lavouras irrigadas de trigo e algodão permaneceram em boas condições e avançaram para as fases finais do ciclo.

Para agosto, a tendência é de continuidade do período seco, com temperaturas acima da média e redução progressiva da umidade do solo. O déficit hídrico tende a se intensificar, especialmente no nordeste de Goiás, exigindo atenção às pastagens, aos recursos hídricos utilizados na pecuária e às áreas agrícolas mais tardias. Por outro lado, o tempo firme deve seguir favorecendo a maturação e a finalização das colheitas.

Figura 1. Precipitação acumulada em julho.



Mercado hortifruti apresenta movimentos distintos de preços em julho

Em julho, o mercado hortifrutícola em Goiás apresentou movimentos distintos, determinados principalmente pelo avanço da safra de inverno e pela disponibilidade dos produtos na Ceasa-GO. O aumento da oferta de hortaliças pressionou as cotações no atacado, enquanto parte das frutas se valorizou diante de uma oferta mais restrita.

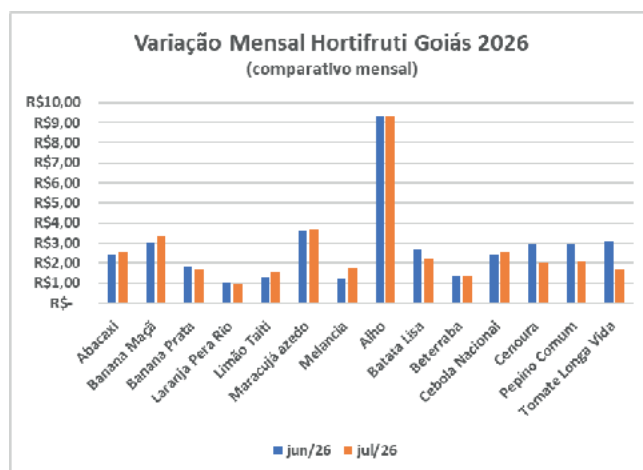
Entre as altas, a melancia foi o principal destaque: a média mensal passou de R\$ 1,23/kg em junho para R\$ 1,75/kg em julho, avanço de 42,3%, sustentada pela oferta limitada em razão de viroses na região de Uruana. Também subiram o limão Tahiti (+21,5%, de R\$ 1,30 para R\$ 1,58) e a banana-maçã (+11,3%, de R\$ 3,00 para R\$ 3,34). A cebola nacional teve leve alta na média mensal (+4,5%, de R\$ 2,45 para R\$ 2,56), embora tenha perdido força no fim do mês com o avanço das colheitas no Cerrado.

No sentido oposto, as hortaliças encerraram julho em queda, acompanhando a maior oferta da safra de inverno. O tomate longa vida registrou o maior recuo, de R\$ 3,10 para R\$ 1,74 (-43,9%), seguido por cenoura (-31,7%, de R\$ 2,93 para R\$ 2,00), pepino comum (-29,8%, de R\$ 2,92 para R\$ 2,05) e batata lisa (-16,4%, de R\$ 2,68 para R\$ 2,24). O alho permaneceu estável, cotado a R\$ 9,35/kg nos dois meses.

Para agosto, a oferta de hortaliças deve permanecer elevada com a continuidade da safra de inverno, mantendo os preços de tomate, cenoura, batata e pepino sensíveis ao ritmo das colheitas.

A melancia dependerá da recuperação das áreas afetadas por viroses em Goiás, enquanto o comportamento das demais frutas seguirá determinado pela disponibilidade no atacado.

Gráfico 1 – Comparação dos preços médios entre junho e julho de 2026



Fonte: CEASA-GO;
ELABORAÇÃO: IFAG

Estruturação e Sistematização dos Dados Econômicos do Setor Agropecuário do Estado de Goiás



Serviço Nacional de Aprendizagem Rural /AR-GO
Tel.: 62 3412-2700
www.senargo.org.br



Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás
Tel.: 62 3096-2235
www.ifag.org.br



Alessandra Ramos di Chaves Santos

São Domingos, 2024

Ingredientes

- ✓ 1 unidade de galo
- ✓ 2 unidades de cebolas
- ✓ 15 dentes de alho
- ✓ 1 xícara de coentro picado
- ✓ 1 xícara de cebolinha verde
- ✓ 3 colheres de chá de açafrão
- ✓ 3 colheres de chá de páprica defumada ou picante
- ✓ 3 colheres de chá de chimichurri
- ✓ 1 colher de sopa de banha suína
- ✓ 4 unidades de pés de porco
- ✓ sal a gosto

Modo de fazer

Escalde o galo cortado e os pés de porco em água fervente. Faça uma mistura de todos os temperos, tempere o galo e reserve. Em uma panela de pressão, refogue os pés de porco com tempero e deixe cozinhar por 1 hora. Após cozido, escorra e reserve. Em uma panela grande, frite o galo e coloque para cozinhar por 50 minutos. Após cozido, acrescente os pés de porco e deixe o caldo engrossar. Ajuste o sal e finalize com cheiro-verde.

Rendimento: 10 porções

Tempo de preparo: 4h



“

Meu tio é especialista em fazer comidas gostosas, e são de “sustança”! Dobradinha, feijoada, rabada, mocotó, galopé... A primeira vez que comi, foi ele quem fez! Alguns amigos e meu marido me deram o desafio, fazer um galopé! Eu disse que nunca havia feito, mas que tinha noção de como fazer. Fiz num jantar de domingo, ficou muito gostoso, acompanhado de arroz branco e pirão. A importância desta receita é unir ainda mais a família e os amigos, numa roda de conversa, degustando um galopé feito com muito amor.”

”



Cúrcuma: ativo da especiaria pode ajudar no alívio dos sintomas da artrose

Miranildes Garcia Teixeira de Carvalho, instrutora do Senar Goiás na área de identificação e processamento caseiro de plantas medicinais e escritora do Livro “Plantas Medicinais – O Ouro do Cerrado”. É, também, técnica em Enfermagem e especialista em cultivo e processamento de plantas medicinais pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).



Unsplash

De coloração amarela intensa, a cúrcuma (*Curcuma longa* L.) é conhecida não apenas pelo uso culinário, mas também pelo interesse da ciência em um de seus principais compostos: a curcumina. O ativo é estudado por sua possível ação sobre processos inflamatórios e o estresse oxidativo.

Esse interesse pela curcumina ajuda a explicar por que a cúrcuma deixou de ser apenas um ingrediente

culinário e passou a ser investigada também por seu potencial relacionado à saúde das articulações. Entre as condições estudadas está a osteoartrite, conhecida como artrose.

No caso da osteoartrite do joelho, pesquisas clínicas indicam que a suplementação com curcuminoides pode contribuir para a redução da dor e para a melhora de aspectos como rigidez e função articular. Estudos com esses compostos apontam resultados semelhantes, especialmente em casos de osteoartrite do joelho.

No entanto, as pesquisas ainda apresentam limitações, e os resultados não significam que o chá de cúrcuma possa tratar ou curar a doença. Isso acontece porque muitos estudos utilizam extratos ou suplementos de curcuminoides em concentrações específicas, diferentes da quantidade presente em uma preparação caseira.

Assim, o chá pode fazer parte de uma alimentação equilibrada, mas não substitui o acompanhamento médico e os tratamentos indicados para a artrose. A seguir, veja como preparar a bebida de forma simples e quais cuidados devem ser considerados no seu consumo.

Chá de Cúrcuma

Ingredientes

250 ml de água;
1 colher de chá de cúrcuma em pó;
1 pequeno pedaço de gengibre fresco, opcional;
1 pitada de pimenta-do-reino, opcional;
Limão a gosto, opcional.

Modo de usar

O chá pode ser consumido ainda morno, como parte da rotina alimentar, preferencialmente sem excesso de açúcar. A pimenta-do-reino é opcional e pode aumentar a absorção da curcumina devido à presença da piperina. É importante diferenciar o consumo da cúrcuma como alimento do uso de suplementos concentrados de curcumina. Pessoas que fazem uso contínuo de medicamentos devem conversar com um profissional de saúde antes de utilizar suplementos, pois podem ocorrer interações.



Atenção: o chá de cúrcuma não deve ser considerado um tratamento para a artrose. Seu consumo pode integrar uma alimentação equilibrada, enquanto o diagnóstico e o tratamento da doença devem ser acompanhados por profissionais de saúde.

SUA JORNADA COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO SENAR GOIÁS

Do conhecimento à oportunidade: o agro transforma, você evolui.

1 Conheça a IA

Curso: Inteligência Artificial no Agronegócio

Etapas do curso EAD:

- Introdução à IA no Agronegócio
- Sensores e Dados
- Visão Computacional e Drones
- IA na Pecuária
- Previsões e Suporte à Decisão
- Aplicações da IA no Agro
- O Futuro da IA no Agronegócio



2 Lideragro

Curso: Inteligência Artificial

- Agronegócio
- Agricultura
- Pecuária
- Sensores e dados
- Visão computacional
- Otimização de recursos
- Drones na agricultura e pecuária
- Previsões e suporte



3 Desenvolva Tecnologia

Farm Tech

Capacitação em:

- Programação
- Desenvolvimento Web
- Banco de Dados
- Previsões e Suporte à Decisão
- Aplicações da IA no Agro
- O Futuro da IA no Agronegócio



4 Impulsione sua Carreira

Assistente de Cadastro de Currículos

- Atendimento via WhatsApp
- IA conduz o usuário na criação do currículo
- Integração com a plataforma Talentos do Campo



5 Simulação de Entrevistas com IA

Ferramenta disponível no Portal EAD Senar Goiás para treinamento de entrevistas com avatares e voz natural, proporcionando uma experiência prática e hiper-realista.



6 Empreenda no Agro

Desafio AgroStartup

Transformação de ideias em soluções inovadoras por meio de capacitações, mentorias e validação.



Seu futuro sem limites

Com conhecimento, tecnologia e inovação, você transforma o agro e constrói grandes oportunidades



EXPEDIÇÃO PESEBEM

50 CONFINAMENTOS

+5 MIL QUILOMETROS

33 MUNICÍPIOS

 **EVENTOS TÉCNICOS** 

PALESTRA SOBRE O MERCADO PECUÁRIO COM O CONSULTOR DE MERCADO RONATY MAKUKO

» **18/09 ÀS 19H**

PORANGATU

» **21/09 ÀS 17H**

GOIÂNIA

